

Febre do Rato

**Roteiro de Hilton Lacerda
Para filme de Cláudio Assis
(2º tratamento - 12 de Julho de 2010)**

**Produção
Parabólica Brasil**

Primeira Parte Nas Cercanias do Fim do Mundo

Seq 01 - Abertura

(Ruas de um subúrbio popular - ext - noite - cor - som direto)

Rua de um subúrbio da cidade do Recife que margeia um de seus rios. O lugar está invadido por um processo de favelização. Um mundo que teve um apogeu quase rural e agora está tomado por construções de baixa qualidade e barracos ilegais. Diante de um bar a luz amarela ilumina uma pequena mesa com dois freqüentadores que conversam modorrentos. Um cão circula na rua lamacenta. Um homem, de bicicleta, cruza o quadro com uma garota sentada em sua garupa. Numa mesa de cimento que está numa praça quase abandonada algumas pessoas jogam dominó. O mato delineando aquele quadro. Por trás do mato, o rio. E depois do rio, as luzes da cidade... O cotidiano daquele bairro está ali, em seus detalhes, em sua vida corriqueira de noite. Enquanto vemos essas imagens, ouvimos um poema na voz de Zizo, um poeta que ainda não tem rosto, mas é o personagem principal deste filme.

Off de Zizo:

*O satélite a volta do mundo
Abismo de coisas medonhas.
Pessoas que ladram seu sono,
Enfeites de cores errantes;
Cálida vizinha e princesa,
Magra em sua sana loucura,
Grita de alegria a suburbia
Chora de medo o planeta.
Metida em saias bem curtas
Bonecas, ladrões e pernetas,
Mundo Abismo, grande mundo,
Logo ali, por trás do mangue,
Descansa insone a faca e o serrote,
O trabalho, o sexo e o sangue.
Abismo mundo escuro,
Profundo o buraco
Lateja o fardo de tuas ruas,
Lateja o grito ruminante.
Grito de “não”, mundo e abismo.
Gritos de não para o meu abismo mundo.*

O fim do poema coincide com a câmera diante de uma casa, que irá se revelar na próxima seqüência. Silêncio profundo.

Seq 02 - Serra Velho

(Fachada da casa de Zizo - ext - noite - cor - som direto)

Estamos diante de uma das casas do subúrbio comentado anteriormente. Uma luz ilumina a fachada dessa construção, que à frente tem um muro com um jardim mal tratado. Começamos a ouvir o barulho de algumas pessoas, que entram em quadro. Não podemos ver direito quem são. Eles trazem à mão uma tora de madeira e a apóiam sobre as colunas que amparam um portão de ferro um tanto enferrujado. Divertem-se, embriagados e quase silenciosos. Um deles saca um serrote e começa a serrar a madeira. O som vai ficando cada vez mais definido, misturado a uma risadagem meio descontrolada.

Homem do Serra Velho 01:

Desse ano, ele não passa! Tô serrando teu caixão, Zizo!

Coro de homens (anarquicos):

Ai, meu deus do céu.

Homem do serra Velho 2:

É torando o caixão e querendo saber quem vai ficar com as viúvas...

Homem Serra Velho 3:

Desse ano o bicho não passa! E tu vai torar quem?

Os homens soltam gritinhos, ais e uis. Uma luz acende dentro da casa.

Homem do Serra Velho 1:

Quem vai papar as coroas? (risadagem e gritinhos) Serra o homem!

A algazarra aumenta. De dentro da casa apenas uma luz acesa. Aos poucos as risadas vão desaparecendo e ficamos apenas com o barulho do serrote deslizando na madeira, cada vez mais presente. Lentamente, a imagem vai indo a *fade*. Sobre o escuro da tela aparece o título do filme:

Febre do Rato

Lentamente o som vai desaparecendo.

Seq 03 - Impressão

(Fachada da casa de Zizo/Sala da casa de Zizo – ext/int - dia - cor - som direto)

Voltamos à fachada da casa da seqüência de abertura. Agora é dia. O barulho de uma máquina tipográfica se mistura ao burburinho matinal do local. À luz do dia podemos perceber melhor o ambiente em que nos encontramos. É uma dessas regiões periféricas, onde casas de classe média se misturam a construções ilegais. A rua não tem calçamento. A casa que temos no centro do plano é uma típica representante desse universo. Percebemos nela sinais de grandiosidade escondidas por trás de uma perceptível decadência. Um carro muito velho, com um alto falante sobre sua capota, está estacionado no terraço lateral da casa. Começamos a ouvir a voz de uma senhora (no início em off), Dona Marieta, enquanto a câmera começa a se movimentar e a entrar na casa. Avança pelo jardim, entra num pequeno terraço gradeado, toma a direção de uma porta dupla (um dos lados está aberto), até chegar na sala, que é pequena, mas aparentemente arrumada. O plástico é o grande personagem da decoração: está no sofá, na toalha da acanhada mesa, nas flores sujas que estão num vaso com motivos japoneses. Dona Marieta está sentada numa cadeira de balanço próxima a uma janela.

D. Marieta (início em off):

Mas que anarquia, hein, Zizo? (pausa) Mas te serraram direitinho, visse Zizo? (pausa sorrindo). Olhe...

Ela tem as mãos cruzadas sobre a barriga. Veste um vestido azul escuro com botões claros, que vão até abaixo do joelho. Seus cabelos são, em sua maioria, brancos, e presos por um coque desarrumado. Seu rosto é sulcado e expressivo. Tem aproximadamente setenta anos, mas não conseguimos afirmar isso. Ela conversa consigo mesma. O som da máquina tipográfica continua.

D. Marieta:

Até tu se surpreendeu, né Zizo? Tá sempre na chefia... Pois bem, esse ano foi tu que vieram serrar. (pausa) Oh, Zizo. (pequena pausa) Zizo, meu filho.

Ouvimos ao fundo a voz de Zizo (a mesma que narra o poema no início do filme), quando pára o barulho da máquina tipográfica.

Off de Zizo:

Fala, Dona Marieta!

Dona Marieta:

Larga essa... esse... negócio e vem aqui que eu tô falando.

Zizo (em off):

Dona Marieta, Dona Marieta! Espere um pouco que já estou chegando. É só terminar umas coisinhas aqui...

Dona Marieta (falando para si mesma):

Mas olhe, foi um vuco-vuco a noite toda (soltando um sorriso) Esse povo gosta mesmo é de uma anarquiazinha.

Seq 04 - A Grande Vizinha

(Quintal de uma casa/ Casa de Zizo - ext - dia - cor - som direto)

Num quintal, com algumas árvores e o solo um tanto encharcado, podemos ver Estelamaris. É uma mulher nos seus sessenta anos, um tanto corpulenta, cabelos compridos e avassourados. Usa short de lycra e camiseta muito justas. Está descalça e se apóia em cima de um engradado de refrigerantes para espiar por cima do muro. De onde ela está podemos ver o quintal vizinho. É de lá que vem o barulho da impressora. E aí Zizo trabalha numa ultrapassada máquina tipográfica. Ele mesmo está ali, a imprimir um tablóide. A vizinha o observa com desejo. Animais andam soltos pelo quintal: porcos, galinhas, pintos, papagaio, cachorro, gato...

Zizo tem aproximadamente cinquenta e cinco anos, e seu corpo (ele está sem camisa) é magro e deixa transparecer alguma sensualidade. Seu comportamento é um tanto jovial. Os cabelos esvoaçantes lhe emprestam certo ar de rebeldia. Usa jeans de cintura baixa e calça um tênis velho. No lugar onde fica a máquina tipográfica (uma espécie de edícula), pôsteres e cartazes se misturam. Uma reprodução grande de Bakunin enfeita o fundo. Em baixo da foto está escrito com *spray*: “Anarquia não pode ser dogma”.

Estelamaris (com certa maldade):

Barulho da gota! (pequena pausa) Tu acredita nesse negócio de serrar velho? (Zizo nada responde e continua seu trabalho) Falaram meu nome também. Tu viu? “Com Estelamaris eu fico!” (sorrindo) Eita, gente que não tem o que fazer. (pausa) Mas foi engraçado, num foi, Zizo?

Zizo nada responde, concentrado em seu trabalho.

Estelamaris (insinuosa):

Dona Marieta foi que passou a manhã rindo do negócio, num foi?

Zizo (irritado):

Estelamaris, minha filha, eu tô lá preocupado esse negócio de serrar. Tô terminando aqui...

Estelamaris (mudando de assunto):

E vai ter jornal, é Zizo? Não sei como não proíbem você de fazer o jornal.

Zizo (sem tirar a atenção do trabalho):

Proibição para mim é feito fantasma: é para quem acredita.

Os dois ficam um tempo em silêncio. Estelamaris observa Zizo.

Estelamaris (com maldade):

Vai ter poesia hoje? (Ele nada responde e ela, maldosamente, insiste na pergunta) *Hoje de noite vai dar?* (Zizo fica em silêncio observando um exemplar do seu pequeno tablóide e ela insistente) *Vai ter?* (pequena pausa) *Hoje eu posso.*

Neste instante ouvimos a voz de Dona Marieta ao longe:

Dona Marieta (em off):

Zizo?

A câmera se aproxima do material que Zizo está imprimindo na máquina tipográfica. O título “**Febre do Rato**” está no alto da página. É uma edição pobremente impressa, mas com certo charme. Seu símbolo são dois ratos, um de frente ao outro, que com a cauda fazem um desenho cheio de curvas e adornos. Barroco.

Seq 05 - Irã-Iraque

(Largo de uma favela - ext - tarde - cor - som direto)

Imagens de comunidade muito pobre da cidade do Recife. O som mecânico de alto falantes se reproduzem ali. É a voz do poeta a partir de uma transmissão de uma rádio comunitária. Interessante que esse som reverbere lá e que possamos pegar as reações espontâneas das pessoas. A passagem vai para Zizo. Ele está em pé, diante de um pequeno aglomerado de gente, com um exemplar do “**Febre do Rato**” nas mãos, junto com um microfone ligado a um carro velho (o mesmo que estava estacionado na casa do poeta) Um pedaço de pano envolve a ponta do microfone. No capuz do carro estão vários volumes do tablóide. Enquanto Zizo fala à câmara, passeia entre os ouvintes (que se divertem com o discurso).

Zizo (em tom discursivo):

Meu querido povo do Irã-Iraque. Podem calar as bocas oficiais, mas nunca a poesia. E minha boca é pura poesia. Safada, mas poesia. Entramelada, mas poesia. Arrotada, e mesmo assim, poesia! O “Febre do Rato” continua a servir de veículo contra os interesses das classes dominantes, seja ela em que instância for: de rico para pobre, de pobre para pobre, de classe média contra pobre, de classe média contra classe média. O hábito de explorar o próximo se tornou um vício latente. Uma espécie de macumba burocrática que precisa de um passe de santo bom. E pensando nesta situação fiz um poemeto para os meus queridos inimigos públicos. Para os que queriam calar minha boca. E todo mundo sabe que em boca fechada nem mosquito entra.

Abre o jornal em determinada página e começa a ler seu poema. Toda a seqüência é filmada de maneira quase documental. As pessoas a volta do poeta devem estar realmente imbuídas em ouvi-lo, quase que tomadas de surpresa. É um dos vieses do filme: fazer os personagens se misturarem, quando puderem, ao mundo “real”.

Zizo (quase declamando):

*Os sapatos velhos estavam encostados
Sob a pia do fundo do quintal
Onde ratos iam e viam
Levando uma parte fenomenal da comida apodrecida.*

*Os sapatos ali encostados
Sob a pingueira suja do ralo
Vomitado pelas porcas
Que moram logo ali, ao vosso lado.*

*Ah! Os desejos inconfessos
Do sapato ali encostado:*

*Vê o gatuno de mão indecente
Roubando o preto, o pobre e o safado.*

*Ah! Gatuno incandescente
Não vejo a hora de impor minha espada.
Não com a força boba da esgrima,
Mas com a fúria impiedosa da macacada.*

*Ah! Os sapatos ali encostados, em sua falsa calma
Oferece fogo para o incêndio daqueles que o contraria.*

Zizo acaba seu poema com ar triunfal. As pessoas, olhando Zizo, parecem não entender o que ele quer dizer.

Zizo (meio risonho):

Pois bem! Não entenderam? Pois irei explicar. Vocês devem deixar de ser o sapato velho encostado e mandar aqueles que barram a felicidade comunitária ao inferno. Tá na hora de ter um movimento comum de desmascaramento do embuste. É chegada a hora de subverter as coisas. Botar fogo é dar um fim à mentira. Aí é parábola, no caso do poema. Mas é fim. Por isso devemos ejacular saudavelmente sobre a hipocrisia dos pequenos ditadores e das pequenas ordens... Um lúmpen sem rancor e com projetos.

Ele fica sorrindo no meio do público. A reação das pessoas a sua volta deve espontânea. Claro que uma reação sem expectativa – nunca sabemos o que pode vir de uma interferência como essa – mas acredito que aí temos um resultado original, com o poeta à vontade diante de qualquer reação. Ele se diverte.

Seq 06 - Dolinhas

(Galpão abandonado - int - noite - cor - som direto)

Num grande espaço de um galpão abandonado estão reunidos três amigos: Boca Mole, Bira e Oncinha. A música que vem de um **sound system** que está sobre a mesa em que os três amigos trabalham solta batidas muito marcadas. Neste espaço se organiza uma espécie de cômodo, com uma geladeira, fogão de duas bocas, um órgão eletrônico...

Boca Mole é um negro musculoso e vaidoso. Podemos ver isso pela corrente de ouro no pescoço, além de um vistoso brinco de brilhante incrustado na orelha. Ele tem o riso largo e sedutor. Bira e Oncinha são dois sujeitos meio parecidos, sendo que um mulato e o outro quase loiro (sará). São magros e usam camisa do mesmo time de futebol (o Santa Cruz), e shorts de jeans. Estão descalços. Numa das paredes há uma estante com uma televisão muito grande (29 polegadas), um conjunto de som e um monte de entulhos. Uma cortina de pano separa a sala de um possível corredor. Os três preparam pequenos pacotes de maconha enroladas em jornal velho. Boca Mole tem um baseado na boca, enquanto trabalha na mesa.

Bira (olho semicerrado e sorrindo):

Passa aí, Boca Mole. (Boca Mole tira o baseado da boca e passa para Bira) Tá massinha, num tá?

Boca Mole (prestando atenção em seu trabalho):

Bira já tá louco feito cachorra no cio, ainda fuma mais.

Oncinha (rindo):

Tem que levar a parada do poeta.

Boca Mole (ainda continuando o trabalho):

Aquele é inteligente. Por isso que leva coice. O mundo prefere os burros.

Oncinha (olhando para Boca Mole):

Mas ele gosta de coice, parece. Gosta de coice e comer véia (Oncinha dá uma risada).

Boca Mole (continuando a enrolar seus pacotes de maconha):

Tu num gosta de papar mulher mais velha um pouquinho? Pois é, Zizo gosta de mais velha um munitinho.

Bira:

É verdade que ele come a mãe?

Boca Mole (meio irritado):

O mundo fala demais. Tá vendo que Zizo num come Dona Marieta?

Oncinha (sorrindo):

Mas que dizem, dizem. (pequena pausa) Dizem que ele leva a velhinha pra tomar banho no tanque.

Neste instante entra na sala, vinda da cortina do provável corredor, Rosangela. Ela tem o cabelo loiro, uma beleza flutuante e olheiras que lhe dão um ar de tristeza ou de desdém (depende do dia). Ela está com um pedaço de algodão na mão, limpando as unhas, que estavam pintadas de vermelho.

Boca Mole (Olhando para ela):

Porra! Já tá tirando o esmalte, Rosangela?

Rosangela (sorrindo, mas continua olhando as mãos, quase tímida):

Não gostei da cor, não.

Neste instante, muda a música que toca. Rosangela se manifesta:

Rosangela (dançando):

Essa música é arretada.

Bira e Oncinha ficam olhando para Rosangela, sorrindo. A coreografia dela, um tanto desengonçada e provocante, vai evoluindo naquele galpão. Boca Mole continua seu serviço com um leve riso.

Seq 07 - A Lição

(Boteco de subúrbio – int/ext - noite - cor - som direto)

A música que toca na casa de Boca Mole continua a ser ouvida no boteco em que Zizo se encontra: um tímido estabelecimento em seu bairro. Sobre a mesa alguns poucos exemplares do “**Febre do Rato**”. Ele fuma tranqüilamente, como se estivesse a meditar. A sua língua palita os dentes. Entre uma baforada e outra, alterna um gole de cachaça com um de cerveja. Tem nas mãos um livro de poesias de Murilo Mendes. Ao seu lado está sentada uma mulher de aproximadamente 60 anos. Mulata vigorosa e sudorenta. Veste short e camiseta apertados, revelando cada detalhe de seu corpo abundante. Seu nome é Anja. Parece bastante embriagada e faz algumas caretas distraidamente. Estelamaris também se encontra na mesa - sempre olhando de maneira provocativa para o Poeta. O dono do boteco, protegido por trás de uma grade de ferro, observa aquele movimento atrapalhado. Uns rapazes sentados na calçada bebem cerveja. Boca Mole se aproxima de Zizo.

Boca Mole:

E aí, artista? (beijando Estelamaris) E tu, minha estrela do mar?

Zizo:

Boca Mole, meu irmão. E aí? (faz menção para Boca Mole se sentar).

Estelamaris:

Anda muito sumido. Não vi tu a semana toda.

Boca Mole (sentando e batendo com a mão nas costas de Anja e falando com Estelamaris):

Trabalhando, trabalhando... (para Zizo) E aí, Poeta? Belezinha? (Zizo, risonho, faz sinal afirmativo com a cabeça. Boca Mole faz sinal para o garçom) Geraldinho, pega um copo pro seu amigo aí. (voltando-se para Zizo). A maconha chegou. Da boa.

Zizo (sem dar muita atenção):

Depois eu vejo isso. (mudando de assunto) E domingo? Vai pro churrasco? (Boca Mole nada responde) Vamo lá, rapaz. Leva Rosangela e os meninos. Esse ano quero uma festa ainda maior. Você sabe que domingo de páscoa é quando a gente começa a abrir o céu. É o nascimento como anti-tese e síntese.

Boca Mole:

Vou perder nada! O pessoal não fala de outra coisa.

A música chega ao fim. O garçom chega com o copo de Boca Mole, que se serve e começa a olhar fixamente para Anja.

Boca Mole (olhando para Anja, imitando suas caretas numa espécie de diálogo facial, e falando com Zizo):

Encontrei com Wanessa lá no campinho ainda agorinha. Tava querendo falar com você. Parece que tá com problema com Pazinho.

Zizo (tragando seu cigarro e refletindo bêbado):

A falta de objetivos tem deixado as pessoas menos necessárias. Nem sei por que eu me preocupo com o mundo. Nem acredito que seja possível transformar o homem. Por isso... E falo em alto e bom tom. Por isso... eu gosto tanto de Wanessa e de Pazinho.

Anja começa a aplaudir Zizo entusiasticamente. Boca Mole a acompanha, imitando sua expressão.

Boca Mole (sorrindo):

Essa colou o juízo. Tá aplaudindo o que, Anja? (pequena pausa e mulher continua a aplaudir) Essa tá louca que nem sabe pra onde segue a rua que mora. Há quanto tempo tu não volta pra casa?

Anja fica tentando encarar Boca Mole, mas sua cabeça fica pendendo de um lado para o outro. Estelamaris solta uma risada bastante debochada. A câmera vai fechando em Anja muito lentamente. Ainda ouvimos uma última observação de Boca Mole.

Boca Mole (em off):

Anja Doidinha da silva! Essa tem nome e sobrenome.

Seq 08 - Noite de Poesia 01

(Quarto de Dona Marieta - int - noite - cor - som direto)

Dona Marieta, mãe de Zizo, dorme em sua cama. Seu quarto guarda os vestígios de alguma grandeza decaída: móveis pesados e bem acabados, marcados pela sujeira dos anos e o desleixo dos dias. É um quarto espaçoso. O guarda-roupa tem em sua estrutura longa, em jacarandá, os espelhos quebrados e manchados. A parte superior do grande móvel foi transformada em porta cacarecos, caixas vedadas, bonecas envoltas em plástico. Um camiseiro, que faz parte do conjunto com o guarda-roupa e a cama, tem em sua parte superior uma curiosa coleção de vidros de perfumes e lembranças de festas de debutantes, casamentos, batizados...

A cabeça de Dona Marieta descansa em um travesseiro muito usado. Ela está coberta com um fino lençol. Os cabelos soltos dão-lhe um aspecto fantasmagórico. A parca iluminação vem de um tímido abajur num criado-mudo que ladeia sua cama.

Os roncos de Dona Marieta se misturam ao barulho de água derramando e de respiração acelerada - denunciando algum prazer. Parecem vir dos sonhos de Dona Marieta.

Seq 09 - Noite de Poesia 02

(Quintal da casa de Zizo - ext - noite - cor - som direto)

Os gemidos amorosos que ouvimos na seqüência anterior continuam neste momento. Estamos no quintal da casa de Zizo. Reconhecemos alguns detalhes, como sua oficina ao fundo. Na noite quase silenciosa, parece outro lugar. A câmera corrige e vai desvendando o chão encharcado. Os animais estão recolhidos. O que podemos ver, ao fim do movimento, é um tanque de água, e dentro dele está Zizo. Abraçada a Zizo, num estranho entrelaçamento, está sua vizinha Estelamaris. Os dois estão nus, e sobem e descem, usando o empuxo da água como uma prazerosa gangorra.

Zizo tem o olhar injetado e muito compenetrado. Olha fixamente para Estelamaris, que parece se afogar nos sopapos amorosos do poeta. Aos poucos os dois vão aumentando a velocidade das investidas. Os gemidos dela começam a quase se enfurecerem. A respiração de Zizo fica cada vez mais rápida. Chegam ao auge do prazer, e se debatem dentro do tonel, que lança longas línguas de água para fora, criando uma poça em volta do tanque.

Os dois ficam ali dentro. Os sons vão se acalmando. Apenas as respirações ofegantes, que também vão desacelerando, incomodam aquele silêncio de subúrbio.

Silêncio profundo. Zizo encara Estelamaris. Num silêncio constrangedor ela fica de pé no tanque, revelando, mais detalhadamente, sua nudez. Num estranho movimento ela começa a sair da água (com ajuda de Zizo). Nos galhos de uma árvore próxima estão penduradas suas roupas. Enxuga muito rapidamente seu corpo com a camisa de malha, que veste logo depois. Coloca um short e calça uma sandália de borracha. Prende o cabelo num deselegante coque. Sorrateiramente Estelamaris vai saindo do quintal. Sempre alerta, procura ver se alguém a espreita. Lança um olhar risonho e afetivo para Zizo e desaparece na escuridão da noite. Zizo encosta a cabeça na borda do tanque e fica olhando o céu. Começa a recitar um poema:

Zizo:

*Vasta e astuta essa cidade
Que se calcina e me embriaga;
E a si desnuda-se, velha e cretina.
Sombra larga de pontes sobre vidas
Mesas fartas de fome nas esquinas.
(...)*

Aqui um corte rápido e direto para a próxima seqüência.

Segunda Parte Eu Vi o Mundo...

Seq 10 - Riocorrente

(Rio Capibaribe – ext – amanhecer – som direto)

A câmera desliza pelas águas do rio. O dia amanhece. Estamos na altura de uma área suburbana. Ao passarmos sob uma das pontes podemos ver pessoas sentadas, como se estivessem reunidas numa sala de estar. Pequenas embarcações estão ali atracadas: pequenos barcos à remo. Continuamos a ouvir, agora em off, o poema de Zizo:

Zizo:

(...)

Proverbial desgraça de mundo:

Putá perante seu algoz,

Cospe em sua vítima,

Beija o pé do patrão.

A vista afaga as letras finas do alfabeto

Da cidade que se reinventa

Em cima das saudades que não sente

E das coisas que não vive.

Aqui um corte rápido e direto para a próxima seqüência.

Seq 11/12 - Reflexão I*
(Cemitério – ext – dia - cor - som direto)

A câmera desliza por um túmulo e vai revelando um pobre cemitério. Um homem está encostado num túmulo simples, azulejado e limpo. Ele tem aproximadamente 45 anos, o corpo bem composto, olhar terno e sereno. Carrega um molho de chaves na mão. Conhecido como Pazinho, tem a seu lado Zizo, lendo sua poesia. Sua voz continua precisa e direta.

Zizo:

(...)

*E nós, mortos-vivos, aqui na insepulta
Caridade do dia, olhamos
Com velhaca nobreza,
O rio correr pro mar sem mudar de curso.
Ilhas velhas...*

Zizo acaba de ler e fica olhando pra Pazinho, que olha para o infinito, muito compenetrado.

Zizo (guardando um pedaço de papel no bolso):

E aí? (pequena pausa, olhando para Pazinho) *O que achou?*

Pazinho (sem mudar de atitude):

Eu? Eu não achei nada. (pequena pausa) *Acho muito engraçado, Zizo. Tu sabe que eu não entendo merda nenhuma de poesia, e fica lendo pra mim e pergunta o que eu acho. O que eu acho?* (faz expressão de dúvida) *Não sei. Acho bonito e adoro palavra que eu não entendo.*

Enquanto fala, Pazinho vai se dirigindo para dentro de uma pequena capela. Zizo o acompanha.

Zizo (sorrindo):

Tá vendo? Já deu opinião. É que pra mim tu é termômetro. Eu gosto quando você gosta daquilo que não entende.

Pazinho:

Vamos no bar?

Sem responder a pergunta de Pazinho, Zizo o acompanha. Por um momento a câmera revela os nichos daquele esquisito altar. Uma imagem de Padre Cícero descansa em um dos cantos. Ouvimos uma frase de Zizo em off:

Zizo (em off)

E Wanessa? (silêncio) Não voltaram não?

Zizo e Pazinho revelam o cemitério, enquanto caminham. Notamos certo ar de abandono.

Pazinho (irritado e sem olhar para Zizo):

Aquela puta... Olhe! Só de pensar eu fico me tremendo de raiva. Parece que a safadeza ali é um vício, Zizo. Mas chega, nem quero falar mais.

Zizo (acendendo um cigarro):

Eu acho vocês o casal mais legal que eu conheço.

Pazinho:

Praquele ninho volto nem de camisa de força. Nem puxado pela mão de Satanás.

Zizo (sorrindo):

Volta, Pazinho. Tu vai ver. Volta sim senhor.

Pazinho (refletindo a frase anterior do poeta):

Casal! Casal morrido, só se for.

Os dois continuam a andar pelo cemitério, mas não acompanhamos mais a conversa entre eles.

* as duas seqüências foram transformadas em apenas uma. Não mexi na numeração para evitar modificação no plano de filmagem.

Seq 13 – Enterro de Anão

(Bar/Rua – ext – dia - cor - som direto)

Bar diante do cemitério. Numa mesa estão sentados Zizo e Pazinho. Ouvimos o som como uma ladainha. O som vai se aproximando enquanto os dois bebem. O bar é uma barraquinha num canto de uma calçada diante do cemitério. Só tem duas mesas.

Zizo:

As pessoas, Pazinho, ficam falando em futuro, em mudança... Mas não tão nem aí para o que realmente tá mudando. Perderam a capacidade de esperar pras coisas mudarem. A imbecilidade venceu a parada. Quem ganha tem a verdade e o que ficou é isso aí que a gente pode ver. Não tem espírito coletivo. É a lógica do umbigo miúdo. O festival do eu acanhado, a caravana dos milagres sem realização. A trepada sem o prazer. É a partida de futebol sem a bola. A boca sem a língua. (mudando de assunto e apontando o enterro muito simples com um caixão de criança) Ó pra isso aí?

Um pequeno grupo leva um caixão muito pequeno para dentro do cemitério.

Pazinho (em off):

Tão piquitinha assim, que Mal pode ter feito? .

Zizo (em off sorrindo):

Mas pode ser um anão. Não se pode medir a experiência pelo tamanho. É o mesmo que qualificar a bebida pelo o engodo da garrafa.

O enterro entra no portão do cemitério.

Seq 14 - Só Coração

(Casa de Wanessa – int – tarde - cor - som direto)

Na sala de uma casa muito pequena está Wanessa. Ela é uma travesti de aproximadamente 30 anos. Veste roupas rotineiras: jeans, camiseta e sandálias de borracha. O cabelo está solto. Seus traços, bastante fortes, revelam seus detalhes. Os seios são relativamente grandes. Sua expressão é de aflição. Sentada num sofá gasto, roendo as unhas, segura um celular na orelha. Desliga-o e fica olhando para o nada. Ouvimos o toque de uma campainha. Ela sai de quadro. Ouvimos ela abrindo a porta e comentando algo com uma amiga.

Wanessa em Off:

Oi, Rosangela.

Rosangela em Off:

Oh, meu deus. Que carinha é essa?

Começamos a ouvir os soluços de Wanessa. Soluços sentidos e engasgados.

Rosangela em Off:

Wanessa, minha flor. Fique calminha. Vamos sentar, vamos?

As duas voltam para o quadro. Wanessa tem a cabeça nos ombros de Rosangela (ela é a personagem que namora com Boca Mole).

Wanessa (soluçando):

Acho que ele não volta mais não, Rô!

Rosangela (acariciando o cabelo de Wanessa):

Mas pra que tu foi fazer isso, minha flor? Tu não sabia que ele ia ficar bravo se soubesse? Hein?

Wanessa toma ar profundamente, como se fosse comentar algo, mas despenca num choro convulsivo.

Wanessa (chorando e engasgada):

E eu sei lá, Rô! (pausa) Oh, meu deus do céu, só faço merda mesmo.

Rosangela (alisando o cabelo de Wanessa):

Calma, minha querida. Vai dar certo. Tudo vai dar certo. (afastando Wanessa de seu ombro e encarando seu rosto) Você vai ver, viu? (pequena pausa) Vamos fumar um pra relaxar? Vamos?

Wanessa, limpando o nariz com as costas da mão, faz sinal afirmativo com a cabeça. Rosangela retira de uma pequena bolsa que carrega no ombro um baseado já pronto e um isqueiro.

Rosangela (arrumando o baseado):

Foi Boca Mola quem te mandou. Disse que era pra relaxar. Ele falou que o poeta ia falar com Pazinho. (pequena pausa) Vai acabar tudo bem, você vai ver.

Entre os soluços de Wanessa e os carinhos de Rosangela, o baseado vai sendo queimado. Começamos a ouvir uma música tocada num órgão elétrico. Uma melodia muito nostálgica, apesar de ser tocada num instrumento barato. Esse som nos leva até a próxima seqüência.

Seq 15 - Passagem

(Galpão abandonado – int – fim de tarde - cor - som direto)

Observamos num plano superior as ruelas de uma área bastante popular enquanto continuamos a ouvir o órgão elétrico soltar sua melodia (som vem da seqüência anterior). O céu está alaranjado em seu final de tarde. A câmera se movimenta em recuo. Começamos a perceber que nos encontramos no galpão onde moram Boca Mole e sua turma. A medida que a câmera avança percebemos que quem está tocando o órgão é Oncinha. Bira está sentado no chão, bastante compenetrado na música. A câmera passa por eles até chegar nas janelas do outro lado do galpão. Ali já é noite. A imagem que temos não é mais de uma comunidade pobre, mas de uma grande avenida sem movimento. Só ouvimos os sons da música.

Seq 16 – Bucólica*

(Rua de periferia – ext - noite - cor – som direto)

Câmera para da diante de uma pequena rua de periferia. Tempo morto. Vazio. Apenas a música de Oncinha inunda esse ambiente. Nada o perturba. Apenas a luz amarela que vem de um dos postes se movimenta naquele momento de quase paz. O som da tipografia começa a aparecer, e, aos poucos, vai ficando mais e mais presente. Passagem de um dos poemas de Zizo pode ser visto no muro de uma das casas.

* Aqui entra a sugestão das epidermes, que deve se repetir em mais passagens. A arte vai indicar melhor onde entram essas “epidermes”.

Seq 17 - Preparando o Dia

(Edícula de Zizo/Quintal – int/ext – noite - cor - som direto)

Zizo está em sua edícula ao lado de seu computador (um modelo bastante surrado e velho). Pára para pensar vez ou outra. A câmera se aproxima muito lentamente de seu rosto, que está bastante suado. A seu lado está Anja, que não presta muita atenção no trabalho do poeta, mas fica encarando-o de maneira provocativa. Junto a eles uma garrafa de cachaça e dois copos. Alguns caju cortados em fatias estão sobre um pequeno prato. Num dos cantos podemos perceber um boneco empalhado em tamanho natural vestido com paletó e gravata. E Anja exagerando sua sedução.

Zizo (sem tirar o olho de seu trabalho):

Para de me secar, Anja!

Anja (balançando seu corpo numa sensual dança):

*Ai, ai! É o gostosão do lalau! (pequena pausa) Vou me refrescar, poeta.
(pequena pausa) Posso?*

Zizo (com atenção em seu trabalho):

Você tem perna, braço e vontade.

Anja (começando a tirar a roupa):

Tá é muito quente esse verão. Esse é o mais quente de todos. É o efeito estufa virado num moio de coentro. Abril e o calor torrando.

Zizo continua seu trabalho, sem dar muita atenção a Anja, que fica de calcinha e sutiã. As peças íntimas dela são muito compostas, o que briga com suas representações eróticas.

Anja (provocativa):

*Vou pro tanque, viu Zizo? (ela começa a caminhar em direção ao tanque e num esforço cômico entra nele) Ui! Ai! Tá é gostosa, viu Zizo. (fica dando saltinhos)
Tá boa mesmo. Que delícia.*

Zizo (irônico e olhando para a tela do computador o que acabou de escrever):

Tá delícia, tá? Gostosinha?

Anja (submergindo e emergindo):

*Gostosinha e deliciosa. Geladinha... vem logo, Zizo. Corre, meu filho. Tá bom demais. (pequena pausa e mudando de tom) Só tem poesia para Estelamaris,
é?*

Zizo (olhando para Anja):

Eita inferno, viu? (deixando seu trabalho de lado e caminhando em direção ao tanque tirando a roupa) Vamos fazer uma poesia só para você, minha Anja danada? Hum?

Anja (gargalhando baixinho):

Venha logo, Zizo. Oh, meu Deus.

Zizo vai largando sua roupa pelo chão, meio cambaleante, se escorando em alguns galhos das árvores do quintal. Começa a falar umas frases desconexas enquanto se aproxima de Anja:

Zizo (cambaleante):

A coisa mais inexpressiva do mundo é a conduta do amor quando se torna arremedo, minha Anja dos infernos. O que é a anarquia diante da prisão doentia da paixão? O que é um palácio sem portas? (Zizo começa a tentar entrar no tanque de maneira desastrada até conseguir) Ui! Tá muito fria a água, Anja.

Anja (como criança):

Cadê a poesia, Zizo? (agarrando Zizo exageradamente) Vai logo, Zizo.

Zizo (quase sem ar e com humor):

A poesia engelhada é o verdadeiro sentido da vida. Entre a forma e o conteúdo, fico nos meios. Quando falo poesia, a poesia racha. Quando falo poesia, a poesia cresce. Quando falo poesia, a poesia borra. Quando falo poesia, a poesia suja.

Começa a pular com Anja entre seus braços, derramando água para todos os lados. Ela começa a entrar em transe, soltando gritos e sussurros. Os gemidos vão, aos poucos, se misturando a uma grande algazarra: crianças, principalmente, gritam em êxtase.

Seq 18 - Malhação dos Infernos

(Terreno – ext – dia - cor - som direto)

Agora estamos no meio da rua em frente à casa de Zizo. Vários meninos estão ali reunidos e destroçam o boneco que vimos na seqüência anterior. Não conseguimos distinguir quem são, pois, por enquanto, estamos numa confusa imagem de porretes, pés, socos e outras agressões ao boneco, que vai sendo destroçado enquanto ouvimos, em off, um poema de Zizo.

Zizo (em off):

Vamos fazer um acordo para salvar as possibilidades. Um acordo que, de tão livre, não precise ser respeitado. Por sinal, neste acordo o respeito desaparece por não ser necessário. A palavra vai ser substituída pela amizade. E não existirá a idéia de ontem e a angústia do amanhã. E a culpa do presente vai se diluir na inconseqüência dos atos improváveis. E o acordo será tão sincero, que as mentiras serão verdades, sem a preocupação moral de serem avaliadas. E este acordo não precisa de avalistas. E será igual para todos que participarem dele.

Zizo é revelado por um movimento de câmera, encostado numa árvore. Ao seu lado Anja acompanha atentamente a brincadeira. Em volta deles, alguns amigos – inclusive sua Mãe e Estelamaris. Uma mesa com algumas garrafas e copos acompanha o grupo. Os meninos continuam a malhar o Judas diante da câmera.

Zizo (em Off):

Igual para o cú, para a buceta e para a rola. A caneta do acordo será o beijo que daremos na humanidade. E esse acordo ninguém precisa desconfiar, pois diferente dos acordos lapidados nas banquetas dos poderes públicos, não será necessário o cinismo. Dispensamos os que relevam os sonhos, mas admitimos os que lapidam idéias. No acordo destituiremos as ordens de suas condutas, e as pernas do próprio corpo. Construir o tempo presente e construir o que ainda restou dos homens. E arar, e ventilar, e exhibir tudo aquilo que podemos chamar de possibilidade. Derrubar os diques que serpenteiam os nossos desejos.

Zizo, às gargalhadas, sai de onde se encontra, e vai ajudar os outros na malhação. Aplausos de alguns que assistem a cena. Muita poeira e barulho, agora mais presentes sem a voz do poeta. Corte abrupto.

Seq 19 – Pazes*

(Beira de Rio – ext – tarde - cor - som direto)

No reflexo do rio, que corre tranqüilo, a cidade escorre para o mar. Numa mureta estão sentados Wanessa e Pazinho. O dia se vai. Os dois estão olhando para as águas e conversam sem se encarar. Ao fundo, as luzes da cidade vão aparecendo conforme a conversa se prolonga. Ela está arrumada. Carrega consigo uma bolsa. Pazinho usa uma calça de tergal e uma camisa de botões, que fica apertando os músculos de seus braços. Ele usa um tênis surrado.

Pazinho:

Eu vim aqui só por que Zizo pediu.

Wanessa (pegando um cigarro em sua bolsa):

Tem fogo? (aponta o cigarro para Pazinho, que tira de seu bolso um isqueiro e acende o cigarro de Wanessa. Traga profundamente) Zizo é muito bonzinho.

Pazinho (guardando o isqueiro):

Como é que tu faz uma coisa dessas, Wanessa? (pequena pausa. Wanessa fuma, sem responder) Hein? Tô lá, o tempo inteiro, compareço sempre... E tu? Hum? Tinha necessidade?

Wanessa (fumando):

Não sei explicar. Deu uma vontade. (pequena pausa) Mas eu tô tão arrependida.

Os dois ficam em silêncio. Um pequeno barco cruza a cena.

Pazinho:

Arrependimento não tira chifre da cabeça de ninguém, não.

Seq 20 - Pazes 2*

(Beira de Rio – ext – noite - cor - som direto)

Wanessa e Pazinho continuam sentados na mesma posição. O dia acabou e a noite revela a luminosidade artificial da cidade. Ela cantarola alguma coisa de cabeça baixa.

Pazinho:

Quero voltar mais não, Nessinha. Eu não sou violento, num vou dar um murro em você por causa disso. Mas fica uma coisa aqui no estômago... Uma coisa ruim que só. Uma vontade de vomitar, uma coisa no peito... E toda vez tu faz isso. Fica com tuas coisas que eu fico com as minhas. Se tu num pode se controlar, paciência. Mas eu num sou Jó, pra ficar aturando essas coisas.

Wanessa (sem encarar Pazinho):

Engraçado!

Pazinho (depois de ficar olhando com curiosidade para Wanessa):

O que é que tem de engraçado?

Wanessa (cabeça baixa e com riso no rosto):

Tu, Pazinho. Tu. Vem falar de umas coisas que não agüenta, que não dá... Uma conversa cheia de onze horas, que é bonzinho... a porra toda. Agora, na hora que eu tenho que perdoar quando tu sai com aquelas raparigas... Aí eu, alesada, perdôo. Pra tu eu conto a verdade e levo um fora.

Pazinho (sem olhar para Wanessa):

É diferente.

Wanessa (olhando para Pazinho):

Diferente o quê, Pazinho? Hum! Diferente o que?

Pazinho (sem encarar Wanessa):

Você sabe muito bem.

Wanessa (soltando uma gargalhada):

Meu filho, a gente tem pau do mesmo jeito. A diferença é que eu tenho peito e tu não. Eu depilo meu corpo pra ficar gostosinha, e tu não. Então me diga, Pazinho: diferente o quê? E mesmo que fosse diferente, que diferença fazia?

Pazinho (olhando para Wanessa):

Olhe, Wanessa. Eu num tô nem querendo falar disso, viu. Tô chateado... Chateado um caralho! Tô é com uma raiva da porra. Um ódio tão grande. Eu só te pedi isso. E tu nem, nem. Então é melhor cada um pro seu lado, uma bica pra cada banho, sabe?

Wanessa (voltando o olhar para o rio):

Onde foi que arrumasse essa, Pazinho? Uma bica para cada banho... Pelo amor de deus.

Pazinho (olhando pro rio):

Deus não existe!

Os dois ficam em silêncio. O rio continua sua trajetória lenta rumo ao mar. Arrasta as luzes nele refletidas. Cabeças baixas.

*** As seqüências pazes I e Pazes II poderiam – aí é uma experiência que pode ficar muito interessante – serem gravada em vários momentos entre o fim da tarde e a noite. E a montagem brincar com a questão do tempo. Senão, imaginá-la como uma única seqüência que tem pulos em sua estrutura. A idéia que mais conversas – ou quase conversas – aconteceram durante o tempo em que os dois discutem na mureta.**

Seq 21 - Páscoa

(Galpão abandonando – int – dia - cor - som direto)

No galpão abandonado dormem Rosangela, Boca Mole, Bira e Oncinha. Os quatro estão nus na cama. Pelas coisas que estão em volta percebemos que ali houve uma orgia. Rosangela dorme abraçada com Boca Mole, que está na ponta do colchão de casal colocado no chão. Bira está abraçado às costas de Rosangela, e Oncinha está agarrado à cintura de Bira. Uma luminosidade de dia avançado invade o quarto. Os quatro estão bastante suados. De repente, Boca Mole abre o olho, mas não se mexe. Parece ainda em transe. Assim permanece por alguns momentos. Lentamente vai se livrando dos braços de Rosangela. Senta na beirada do colchão, dando uma espiada pela janela, deixando entrar um pouco mais de claridade. Levanta-se e leva sua nudez para fora do quadro. Os outros três personagens acomodam-se no novo espaço e agarram-se ainda mais. Começamos a ouvir som de geladeira, garrafa, porta da geladeira batendo. Por fim, bem alto, ouvimos quase que um lamento muito alto de Boca Mole:

Boca Mole em Off:

Putá que o pariu! Que ressaca do caralho.

Ele continua em seu resmungo. Oncinha acorda, meio que assustado com o grito, mas logo cai na cama, se aninhando a Rosangela e Bira. Começa a fazer cócegas em seu colega, que começa a se movimentar, irritado. Abre o olho e se vira para Oncinha:

Bira (sonado):

Só podia ser tu mesmo, né, filho de rapariga.

Rosangela (sem abrir os olhos):

Acorda ainda não, quero dormir mais.

Ela enrosca sua cabeça num travesseiro sem fronha. Tem expressão de riso. Oncinha continua a fazer cócegas em Bira, e agora também faz em Rosangela. Ela reclama, sorrindo:

Rosangela:

Pára, porra! Que saco...

Os três começam uma briga matinal. Parecem crianças. Neste instante Boca Mole entra em quadro com um cigarro no bico.

Boca Mole (se jogando na cama sobre os três):

Ai, meu deus. Uma dor de cabeça da porra.

Os que ficam embaixo começam a se movimentar, e Boca Mole, brincando, os ameaça com a brasa do cigarro:

Boca Mole (falso sério):

Quem não se comportar, vai levar brasa no couro! Tô avisando.

Todos ficam em silêncio e imóveis, prendendo o riso. Rosangela, começa a cantar:

Rosangela (cantando):

*Coelhinho da páscoa, que trazes pra mim? Um ovo, dois ovos, três ovos assim...
Um ovo, dois ovos, três ovos assim...*

Quando canta, percebemos que ela se movimenta de forma a pegar no saco dos meninos. Gargalhada geral e todos começam a se mexer alucinadamente na cama.

Bira (gritando):

Ai, meu ovo, porra!

Rosangela (se fazendo de séria e mostrando as duas mãos):

Opa! Essa mão não é minha. Quem tá pegando o ovo...

Boca Mole (se jogando de lado, e gargalhando):

Fui eu. Mas é que o ovo de Bira é tão grande que mais parece um travesseiro.

Todos caem na gargalhada e vão se arrumando na cama. Vão parando de sorrir.

Rosangela (arfando):

Ai, ai! (pequena pausa) Minha gente, que doidera do cão. Chega, que eu já tô zoró. E que porra de vinho é esse que tu arrumasse, Oncinha?

Bira (irônico):

Ele disse que bom era colocar bala de menta dentro, que ficava geladinho.

Oncinha (se levantando e olhando dois garrafões do vinho que estão no chão):

Num sobrou nem uma gotinha, viu?

Oncinha se levanta e sai do quadro, também nu. Os outros ficam calados na cama. Boca Mole se aninha a Rosangela e fica fazendo carinho em seu rosto. Ela fecha os olhos e fica sorrindo.

Rosangela (sem abrir os olhos):

Eu adoro cheiro de sovaco suadinho. Sabe... Assim, meio azedinho.

Boca Mole, olhando para ela, sorri ternamente. Bira senta na cama e começa a preparar um baseado. Som de alguém mijando invade o ambiente.

Boca Mole (sem tirar olhar de Rosangela):

Tá na hora do churrasco de Zizo. (voltando a cabeça) Porra, Oncinha. Que mijo barulhento, meu irmão.

Ficam os três deitados ali. Barulho de descarga. Volta Oncinha e veste uma cueca que está no chão. Espreguiça-se. Bira, olhando para Oncinha:

Bira:

Psiu! Oh! A cueca é minha.

Oncinha olha para a cueca e começa a sorrir. Os outros acompanham. Oncinha tira a cueca.

Rosangela (se levantando rapidamente e pulando no colchão):

Vamos tomar banho?

Os três soltam gritinhos de alegria. Começam a sair da sala na mais completa anarquia. O quadro fica vazio e os sons vão desaparecendo.

Seq 22 - Antepasto

(Cozinha da Casa de Zizo – ext – dia - cor - som direto)

Sobre um balcão de granito muito escurecido pelo tempo, um grande pedaço de carne está sendo cortado em pedaços e espetos estão sendo preparados. Podemos ouvir uma profusão de conversas, sons de copos, arrastar de mesas... Num primeiro plano de som, ouvimos a voz de Dona Marieta relatando algo para alguém:

Dona Marieta em Off:

Sempre foi assim. Desde criancinha foi assim. Fogo na roupa. Não que me desse trabalho, mas não parava. Era mexendo com os vizinhos, escrevendo pornografia para os meninos, ensinando umas mulheres grandes a beijar... E era mais inteligente que o resto. Os meninos, quando ele tinha quinze anos, só queriam saber de futebol. Mas era de escrever que ele gostava. E escrevia com qualquer coisa. Queria porque queria ser poeta. É assim até hoje. Vou fazer o quê?

A câmera se afasta do balcão e começa a revelar o ambiente. Na cozinha várias pessoas estão reunidas. A cozinha é grande, mas as pessoas se agrupam de forma desordenada. A câmera começa a se movimentar, caminhando para fora, para o quintal. Antes da saída, cruza com Estelamaris que conversa com um senhor de gestos largos. Fala como estivesse recitando. Ela sorri divertida. Quando chegamos ao quintal podemos ver que ali estão reunidas mais pessoas. Não que o lugar esteja lotado, mas é muito diverso o ambiente. Um misto de populares e até alguns personagens com quilate intelectual visível, mas despojados de maiores recursos lapidares em suas vestes. Boca Mole e sua turma estão ali. Mais uma garota está com ele. Continua o discurso de Dona Marieta.

Dona Marieta em Off:

A única pessoa que implicava com o menino era o pai. Hum! Sabe pai que não enxerga o filho que tem? Você sabe. Imagino que você não é o que seu pai esperava.

Vamos caminhando pelo quintal e revelando mais pessoas. Alguns meninos e meninas tomam banho nus dentro do tanque. Adolescentes conversam em grupo. Lá no fundo, numa parte da edícula, está Dona Marieta, sentada numa cadeira e com um lençol envolvendo seu corpo. Wanessa está cortando o cabelo dela, enquanto presta atenção na sua conversa.

Dona Marieta:

E foi no enterro do pai que Zizo conheceu Pazinho. Sabe? Confusão de enterro, papelada, dinheiro... Morrer só é bom para quem morre. Mas para o vivo é uma desgraça.

Wanessa (entregando um espelho para Dona Marieta):

Mas o Pazinho tá tão certo, Dona Marieta. Tô até com medo que ele não volte mesmo.

Dona Marieta (reparando detalhadamente o corte de cabelo):

Wanessa, minha filha, isso aqui não é uma pontinha não?

Wanessa (Pegando a ponta de cabelo e cortando):

A gente até se falou ontem, mas ele tá cabeça dura mesmo.

Dona Marieta (Sorrindo):

Agora sim, está certinho. (pausa e fala se olhando no espelho) Só sei Wanessa, que se Pazinho não volta, quem sai perdendo é ele. Onde ele vai arrumar uma coisa formosa assim na idade dele? Hum! A não ser que ele esteja a fim de bucho.

Wanessa sorri com o elogio de Dona Marieta enquanto retira o lençol branco que envolve a mãe de Zizo batendo-o contra o vento.

Seq 23 - Os Desordeiros

(Quintal da Casa de Zizo – ext – tarde - cor - som direto)

Estão no quintal, sentados numa roda, Rosangela, Boca Mole, Bira, Oncinha, Zizo, Anja e mais uns amigos. Ao fundo, podemos ver a churrasqueira improvisada de tijolos e perto dela Wanessa e Pazinho conversam.

O quarteto de amigos (Boca, Rosangela, Bira e Oncinha) estão com bigodes de coelhos pintados grosseiramente em seus rostos, assim como riscos em suas testas imitam pequenas orelhas. Rosangela carrega uma cenoura em suas mãos. Junto ao quarteto uma garota, de aproximadamente 17 anos, olha a tudo encantada. Ela tem cabelos negros e volumosos. Veste roupas leves. Bonita à moda suburbana carrega altivez no olhar. Espécie de arrogância iluminada, sem exageros. Seu nome é Eneida. Boca Mole conta uma piada:

Boca Mole (chapado e com um baseado na mão):

O sujeito era bom. Vivia da oração pra casa, da casa pra oração... Foi atravessar a avenida Caxangá... Pronto! Veio um CDU-Várzea e atropelou o homem. Morreu na horinha. A alma dele foi transportada via satélite para o céu. Na subida ele passou por um grupo de pessoas... Olhe, tava uma putaria do caralho. Era pau aqui, bunda ali, buceta lá, punheta, chupada... Aí chegou no céu e veio uma comunidade de anjos e santos receber a alma. E aquela calma. Até aí tudo bem. Mas os dias passavam e a calma continuava. Ele pensava que iam aparecer aquelas putarias, aquela chupação toda. Um dia encontrou São Pedro e comentou que, quando foi pro céu, viu umas pessoas fazendo um amorzinho gostoso, magoando uma hérneazinha, exercitando a língua, e queria muito saber onde era esse lugar. São Pedro foi logo dizendo: "Meu filho, mas isso é o inferno." Passou um tempo e o homem encontrou São Pedro outra vez. Não teve dúvida e disse que preferia gozar no fogo do inferno, já que no mundo a única coisa que ele tinha dado tinha sido esmola. São Pedro avisou que quem ia para o inferno não voltava. Ele quis. O portão do céu abriu e lá vai o bonzinho tarado no túnel louco para dar uma bimbada. Depois de muito tempo avistou um grupo de homens. E tavam numa putaria do cão. Era um tal de bota assim e bota assado, uma gemedeira, uma fudelança. O dozenlo se aproximou e perguntou: aqui é o inferno? E o outro lá, ajeitando a rola cansada: Não, não. Aqui é o Recife, o inferno é mais na frente...

Todos caem na maior gargalhada. Zizo exagera na gargalhada...

Zizo (gargalhando):

É o Recife (tomando ar e gargalhando). Sem tirar nem por nada, botando e tirando assim, é o Recife. Inferno (mais gargalhada).

Eneida, a Menina de arrogância Iluminada sorri muito, enquanto tenta fumar um baseado. Zizo a olha com interesse, parando de gargalhar

(observando-a). Os sons desaparecem. No profundo silêncio Zizo observa o rosto da menina.

Seq 24 - Procuração

(Quintal da Casa de Zizo – ext – fim de tarde - cor - som direto)

A festa de Páscoa de Zizo continua com toda força. Oncinha toca uma música em seu órgão enquanto Rosângela, Boca Mole, Bira e Eneida cantam e dançam estranha coreografia. Zizo está num dos cantos conversando com Pazinho e um amigo, que está bastante bêbado. Dona Marieta está sentada numa mesa comendo junto com Wanessa. De repente, Zizo começa a bater palmas e a pedir silêncio, chamando a atenção para si. Está visivelmente transtornado e aparentemente muito feliz.

Zizo (batendo palmas e levantando os braços):

*Atenção, minha gente. (pequena pausa e o barulho, apesar de diminuir, persiste)
Atenção... Vou ler o poema deste ano. (o barulho começa a diminuir) Pode?*

O público começa a vaiar, animadamente, brincando com Zizo.

Estelamaris (embriagada):

Ninguém quer poesia não. A gente quer cachaça e dança.

O público se manifesta, sorrindo. Ao mesmo tempo, vão se reunindo em volta de Zizo, que sobe em cima de um banco, tentando se equilibrar.

Zizo (sorrindo):

Psiu. Silêncio que eu quero falar, viu. E você, dona Estelamaris, guarde suas piadinhas pra seu marido.

Gargalhada geral. Agora podemos ter uma noção mais abrangente sobre os participantes da festa. Um misto de moradores periféricos, intelectuais boêmios, jovens sedutores... Uma fauna muito variada, onde percebemos uma mistura de cores onde os mulatos dominam.

Amigo Urso (gritando):

Vai logo com essa porra!

Zizo (se equilibrando no ombro de alguém a seu lado):

Vamos manter a calma. (pausa) Posso começar? (gritos afirmativos e assovios longos apóiam a indagação de Zizo) Pois bem... Seguinte... Este ano escrevi duas poesias para a data. Uma é para o nosso dia de desistência da ordem, nossa páscoa de cabeça para baixo, e o outro é uma surpresa. (gritos de vivas) Mas são curtos, que nem eu tô com saco. É que anarquia também carece de tradição. Mesmo que seja do avesso.

Gritinhos de apoio. Palmas. Anja exagera nos gritinhos. Boca Mole grita entre os convidados:

Boca Mole (sorrindo):

Vai passar Maconha esse ano, poeta?

Zizo (sorrindo):

Vamos ter Maconha, sim. Mas primeiro vamos aos poemas...

Mais gritos de apoio.

Público (uníssono):

Maconha! Maconha!

O Amigo Urso começa a fazer gesto com os braços e pedir silêncio com psius muito altos. As pessoas vão parando e ele continua a pedir silêncio. As pessoas começam a pedir silêncio a ele.

Zizo (falso sério):

Peraí, Amigo Urso. Pé de Lã. Calminha...

Público cai na gargalhada.

Dona Marieta (interferindo):

Minha gente, vamos deixar o menino falar a poesia dele.

Aplausos e assovios.

Zizo (reverenciando Dona Marieta)

Uma salva de palmas para Dona Marieta (todos aplaudem, seguindo Zizo). Agora silêncio. (pequena pausa) Silêncio! (outra pequena pausa) Ah! Agora está certo. (olhando um papel que está em sua mão) Vou ler primeiro o poema chamado Valetes a Varejo, que é pra Pazinho e Wanessa.

Gritinhos de apoio e alguns pequenos aplausos. Pazinho e Wanessa, que estão próximos, mostram certa timidez quando Zizo anuncia o poema. Wanessa se afasta um pouco.

Zizo (recitando de forma embriagada, e interpretando o poema):

*Assim, só sendo assim, posso falar
Das espadas que são nós.
Nós que se enrolam e se vertem
De forma tão infinita que nem a lâmina
(fina e precisa)
Consegue desfazer
A corda atada a nós.*

*Nem as espadas outras,
Mesmo que pareçam singelas,*

*Tem o poder de ferir e inferir.
Mesmo que seja fundo o corte
E mesmo que seja fácil,
O tempo todo nós:
Ali, Acima, abaixo.*

*Superfície e espelho de nós,
Que nada parece mudar e desfazer.
E quando o tempo deixar nós cegos
Vamos à beira do rio
(espelho ruminante da cidade)
Pensar em desatar.
...será tarde.*

*E no fluxo rio das idéias
Nós vão indo, afeitos, refeitos, rarefeitos...
E lá vão eles juntos. Afoitos se completam...
Eles nós. Cheios de nós.
Reinventam-se a cada dique: açudes.
E rompem Sobre nós, sob nós, sobre nós.*

De início, um silêncio incompreensível. Depois, aos poucos, os aplausos (mas poucas pessoas parecem compreender o poema). Vão aumentando e começam a aplaudir Pazinho e Wanessa.

O povo (em uníssono):
Beija! Beija!

Pazinho muito envergonhado agarra Wanessa e lhe beija a boca. Gritos e aplausos. Wanessa, ao ser largada, tímida, baixa a cabeça sorrindo.

Zizo (gritando):
Pois bem! (aguarda o barulho diminuir) *Pois bem...* (Amigo Urso sorri entusiasticamente) *Oh... Urso.* (Amigo Urso olha para Zizo) *Vamos só mais um pouco para acabar logo com a parte chata, tá certo?*

Amigo Urso, envergonhado, tenta controlar o riso, mas não consegue. Vai se afastando dali da roda.

Zizo (olhando Amigo Urso se afastar e sorrindo):
Esse perdeu o prumo. (pequena pausa) *Mas terminada a parte melodrama, vamos ao requinte da desordem. Vou ler a súmula das nossas anti-leis.*

Zizo toma fôlego e começa a falar outro texto que traz em sua mão. Fala em tom discursivo, cheio de gestos profundos. Só ouvimos o início.

Zizo:

Construíram um campo de concentração. Muro alto, intransponível, chocante e invisível. Campo aberto/campo fechado. Antes se dizia não. Mas agora se diz talvez. E incito os presentes a restaurar o não, mais uma vez. E que o não, que é sim, seja o fim de nossa peregrinação...

Uma música crescente vai tomando conta do ambiente e a voz de Zizo vai desaparecendo. O olhar de Eneida está vidrado no orador, que, tal um pássaro ritual, faz uma quase dança pavonesca de palavras.

Seq 25 - Reflexos no Passado

(Quintal da Casa de Zizo – ext – noite - cor - som direto)

A câmera está muito fechada no plano de um personagem de cabelos longos e encaracolados, que corre com uma arma na mão. À medida que o quadro vai abrindo, podemos ver que se trata de uma projeção em Super-8 sobre um lençol estendido num varal. Estamos no quintal de Zizo e as pessoas observam atentamente aquelas imagens. A projeção é realizada a partir da edícula. Já é noite. O filme não tem som. Podemos ouvir, de forma distante, os comentários das pessoas, sentadas em cadeiras, bancos, no chão... Zizo olha para Eneida. Ela se diverte. Sorri largamente olhando as imagens. Num primeiro plano de som, ouvimos uma conversa em off entre Zizo e uma garota (mais tarde percebemos ser a voz de Eneida).

Off de Eneida:

Eneida! Me chamo Eneida.

Off de Zizo (voz embriagada):

*Nome com caráter, menina com caráter. Nome de guerra. (pequena pausa)
Você gostou do filme?*

Off de Eneida:

Do Maconha? Engraçado, mas não tem história...

Off de Zizo (sorrindo):

É a minha história. Quem cria a história é quem vê.

Off de Eneida:

É interessante.

Silêncio.

Off de Zizo:

E dos poemas? Você gostou?

Off de Eneida (tom de riso):

Você é um ótimo publicitário.

Off de Zizo (gargalhando):

Publicitário?

Off de Eneida:

É!

Mas um instante de silêncio.

Off de Zizo:

Quer trepar comigo? (pausa) Quer ou não quer?

Off de Eneida (sorrindo):

Tenho namorado.

Off de Zizo:

Qual o problema? Quero trepar com você, não namorar.

Off de Eneida (sorrindo):

Hoje? Ah! Hoje não dá. A gente vê. (pausa) Engraçado. Me falaram que você só gostava de mulher mais velha...

Off de Zizo (pequena gargalhada):

Eu como de tudo...

O fim do diálogo acaba exatamente quando acaba a exibição dos fragmentos de Maconha. O som ambiente vai voltando para cena e desaparece a conversa em off entre Eneida e Zizo. Gritos, aplausos e assovios da platéia. A câmera vai fechando no olhar de Zizo. A medida que o movimento avança, a imagem vai indo lentamente a fade.

Terceira Parte

Desarticulando Opostos

Seq 26 - O Adorador

(Escola/Parada de lotação – ext – noite - cor - som direto)

Imagem de uma Escola no subúrbio da cidade do Recife. Fim do horário escolar. No meio de um grupo de meninas podemos ver Eneida. De calça comprida e mochila nas costas. Conversa com algumas amigas e depois abandona o grupo rumo a um lotação (van). No ponto algumas pessoas estão reunidas. Ao lado da parada percebemos Zizo, que a observa tomando uma cerveja num pequeno boteco ali perto. Ele levanta-se e segue até ela, olhando-a fixamente até ela perceber sua presença. Abre um sorriso e fala algo com ele, que carrega nas mãos alguns exemplares do “**Febre do Rato**”. Não ouvimos o que comentam. Apenas os automóveis são audíveis neste momento. Ele faz um gesto e os dois saem andando em determinada direção. A câmera fica na parada do lotação, cheia de gente.

Seq 27 - A Paixão Segundo Z

(Bar no Centro da Cidade – int – noite - cor - som direto)

Sentados um diante do outro numa mesa estão Eneida e Zizo. Conversam se encarando. Tem algo de mecânico na pose deles. Zizo, principalmente, parece enfeitiçado. Sobre a mesa alguns números do “**Febre do Rato**”.

Eneida (sorrindo e dando um gole de cerveja):

Pra você não tem luxo?

Zizo (sorrindo):

Pra mim? Claro que tem. Muito luxo. As pessoas é que são pequeninhas e acham que luxo é ter e poder. Pra isso tem que trabalhar muito. Gosto? Eu não. Acreditei na ditadura do ócio e levo adiante até hoje. Gosto do luxo da elegância, do luxo que nasce dos lábios grossos e dos cabelos rebeldes. Gosto do luxo que o cheiro do sexo exala. Gosto do luxo do erro e da amizade. (pausa, encarando Eneida) Continuo um bom publicitário? (sorriso de Eneida) Por que publicitário?

Eneida:

Gosto mais de você do que das coisas que você escreve.

Zizo (sorrindo):

Nem posso dizer o mesmo, apesar de gostar de mim. Mas sou uma pessoa melhor que eu quando sou o que escrevo, ou que penso que escrevo.

Os dois ficam em silêncio.

Eneida (encarando Zizo):

Vai ficar aí me olhando assim?

Zizo:

Passaria assim a eternidade, caso não tivesse más intenções. Não quer mesmo trepar comigo? Assim poderia variar minha visão, como, por exemplo, ficar observando sua nuca. (pequena pausa) Quer?

Eneida (sorrindo):

Eu não disse que não queria...

Zizo (sorrindo):

Então quer?

Eneida (dando um gole de cerveja):

Tenho que ir.

Zizo:

*Você põe em dúvida as minhas dúvidas e quase me faz trair minhas certezas.
(pequeno silêncio) Seu pai é um latinista? (Eneida sorri, sem entender a piada.
Zizo fala, saboreando as letras) Eneida!*

Neste momento o celular de Eneida toca e ela olha o número.

Eneida (sorrindo):

Meu pai!

O celular continua seu toque. Eneida e Zizo ficam se encarando.

Seq 28 - Pálido Rosto

(Parada de lotação – ext – noite - cor - som direto)

Zizo e Eneida estão de volta ao ponto em que se encontraram. Agora está quase vazio. Eneida, além da mochila nas costas, leva um exemplar do “**Febre do Rato**” enrolado como um canudo em suas mãos. Brinca com ele, como se fosse um megafone encostado-o no ouvido de Zizo falando algo. Zizo baixa a cabeça, constrangido. Chega uma Van. Eneida entra nela.

Estamos do lado de fora da Van, junto com Zizo, que observa Eneida.

A Van parte. Zizo fica observando o rosto de Eneida se distanciar. A rua tem um movimento de início de noite.*

* Seqüência passível de sair do roteiro.

Seq 29 - Na Periferia do Coração

(Edícula de Zizo/Quintal – int/ext – dia - cor - som direto)

Na edícula de trabalho de Zizo, o encontramos junto de Boca Mole. O ambiente é confuso. Os dois estão sós e bebem uma cachaça. Estão sem camisa e bem molhados de suor. Lá fora o sol parece bastante quente. Os animais de Zizo, ou se abrigam em sombras, preguiçosos, ou fuçam coisas do quintal.

Boca Mole (sorrindo e observando Zizo trabalhar):

Ela disse que você era mimado?

Zizo (com riso no rosto e observando a impressão de algo):

Filho único e mimado.

Boca Mole (gargalhando):

Eneida é muita louca. (pausa) Está doido por ela, né poeta? (pausa) É assim, quando a gente leva um não o pau fica dizendo sim, sim, sim...

Zizo (parando o trabalho e como falasse com seu pau):

Olha aqui, meu irmão. Tu é um traidor, viu? Vamos aprendendo: diga não! (bate com a mão sobre seu pênis) Vai, diz logo. Não. É fácil... (olhando para Boca Mole, que está gargalhando) Tá vendo, se sabe falar não aprende a dizer não, essa cabeça oca.

Boca Mole (sorrindo):

Poeta, tu é uma figura...

Zizo (sem dar atenção ao comentário de Boca Mole e se concentrando no que acabou de escrever):

Quando ela se aproximou de mim a primeira vez, não senti nada. Na segunda meu pau ficou durinho. Agora todas as coisas ficam duras quando penso nela.

Seq 30 - Pensamento Abstrato I

(Rua do Centro da cidade – ext – dia - cor - som direto)

Pelas ruas do Recife, em sua região central, encontramos Eneida. Ela caminha solitariamente no meio da multidão. Seu rosto se destaca naquele rio de pessoas anônimas. Os sons da cidade aparecem de maneira muito discreta. Tem a expressão séria e decidida. Durante sua caminhada, ouvimos Zizo em off, recitando um poema.

Zizo em Off:

O olhar observa a coisa que se aproxima

Sem cálculo, sem lima, sem bordas.

Observação certa e ajustada

Das coisas postas sobre coisas finas.

(...)

Seq 31 - Pensamento Abstrato II

(Quarto de Eneida– int – noite - cor - som direto)

Sentada diante de um espelho em seu quarto – do qual não podemos discernir muitas coisas, a não ser o fato de ser um tanto pequeno – Eneida penteia seus cabelos. Tem o olhar distante e profundo. Mira-se em seu reflexo, quase enfeitada. Está nua. Um leve burburinho de bairro invade o ambiente.

Zizo em Off:

(...)

Passo contido de traição e medo,

Eu ali a espreita,

Vejo dos lábios surgir a vaidade

E dos sonhos as coisas sombrias.

(...)

Seq 32 - Pensamento Abstrato III

(Praia popular – ext – fim de tarde - cor - som direto)

Sentada no calçadão de uma praia popular, Eneida observa o horizonte. Está de camiseta, shorts e mochila nas costas. Observa o mar quebrando nas pedras de um arrecife artificial. Algumas pessoas passeiam por ali.

Zizo em Off:

(...)

Observo a coisa que se aproxima

Com a arma em punho e

na outra, bastante trêmula,

O desprezo de suas investidas

Desnudas à porta dos dias.

(...)

Seq 33 - Pensamento Abstrato IV

(Quintal de Zizo/Edícula – ext/int – noite - cor - som direto)

Quintal da casa de Zizo. Noite escura. Sobre o muro podemos ver Estelamaris. Tem a expressão triste. Sua cabeça descansa sobre seus braços. Observa com o canto dos olhos Zizo, que se encontra na edícula acabando de escrever algo em seu velho computador. Continuamos a ouvir o **off** com o poema. Ele está apenas de bermuda e calça sandália de borracha. Parece não dar a mínima para Estelamaris.

Zizo em Off:

(...)

*Semi-morta no centro do mundo.
Agressiva nas coisas miúdas
E abstrata nos problemas dos dias.*

Estelamaris (ao final do poema e sem levantar a cabeça):

*Zizo! (silêncio) Zizo! Tá mouco, é? (Zizo volta o olhar para Estelamaris)
Nadinha? Um mergulhinho? (Zizo sorri sem paciência e volta a seu trabalho). A
água deve estar é gostosinha, né? Com esse calor... (silêncio) Vixe, que o
homem agora aprendeu a desprezar. Enjoou da comida? Hum?*

Ela balança a cabeça negativamente, fazendo um muxoxo com a boca e desaparece do muro. O silêncio da cena só é quebrado pelo latido distante de um cão, o canto de uma coruja, a corrida de um rato pelo quintal. Sons de noite e de solidão. Zizo está lendo o que escreveu na tela de seu computador. Disfarçadamente olha para o muro e vê que Estelamaris não está mais ali. Tira a sua roupa e segue muito calmamente até o tanque. Ao entrar na água encosta a cabeça na borda e fica a observar o céu. Fecha os olhos. Em seus lábios uma suave risada. O céu vai ficando escuro. Fade.

Quarta Parte Quase Idílio

Seq 34 - Mulher-cidade

(Aérea – ext – amanhecer - cor - som direto)

Tela escura. Fade in muito lento e vai revelando imagem aérea do curso de um rio. Os reflexos alaranjados revelam mais um dia que começa. No início estamos numa área muito pouco habitada. A medida que a imagem avança, vamos revelando o aumento de construções ribeirinhas, que logo vão se transformando em aglomerados periféricos. Em determinado momento as construções mudam de patamar, e prédios de luxo começam a preencher as margens do rio. Essa viagem nos leva de um canto a outro da cidade do Recife, revelando que maneira o desenho do rio revela o perfil dessa cidade. Durante esse vôo descritivo, ouvimos um poema recitado pela voz de Eneida, que se inicia apenas depois de um tempo de iniciada as imagens aéreas:

Eneida em Off:

*Dada a volta no mundo
Levanta sorrindo o açoite
Mostrando descrente o fundo
Fodendo calada na noite.
Furacão distante a Eneida
Com sua prosa leve e solta.
Maligna em sua altitude
Fria em sua dureza.
Recebo no rosto seu mijo
Mirrado pelo espelho
E nem tempo dá
Para reparar no reflexo
O cabelo complexo da boceta da menina.
E a mão antiga
(Amiga e enfadonha)
Precipita sobre o corpo vadio
A baba do quiabo tocado pela imaginação.*

As imagens acabam num corte rápido e direto para a próxima seqüência.

Seq 35 - Isolamento Amoroso (Beira de rio – ext – manhã - cor - som direto)

Zizo e Eneida estão sentados no chão no fim de uma rua que desemboca num rio. As casas são populares (tipo alvenaria aparente). Enquadramos o casal da perspectiva do rio (a câmara sobre uma pequena embarcação deixa o plano “flutuante”. Ele está sem camisa e parece tomar banho de sol, com as pernas esticadas e o rosto voltado para cima. Ela com as pernas cruzadas e com sua mochila ao lado. Tem na sua mão um pedaço de papel com o poema que acabou de ler. Observa o rio.

Eneida:

Minha mãe é quinze anos mais velha que meu pai.

Zizo (sem abrir os olhos e com a cabeça levantada):

Seu pai é da ala geriátrica dos amores possíveis?

Eneida (sorrindo):

Quando eu nasci minha mãe tinha quarenta anos e meu pai 25. (silêncio) Meu pai era meio hippie fora de época, sabe?

Zizo:

E sua mãe? Hippie de época?

Eneida:

Helena. (pausa) O nome dela é Helena.

Zizo (sorrindo):

Seu pai é um clássico, né? Eneida, Helena... Nenhum nome brasileiro na família?

Eneida (sorrindo):

Minha avó materna se chamava Iracema.

Os dois ficam em silêncio observando o rio.

Zizo:

Quando eu era criança nadava nesse rio. (pequena pausa) Você teria coragem de nadar nele hoje? Nua? Totalmente nua?

Eneida (sorrindo):

Só se for para ficar coberta de pano branco e morrer de doença.

Zizo (cínico):

Pode ser que você adquira anti-corpo em vez de doenças. (pausa) Você tá menstruada?

Eneida (afirmativamente):

Hum, hum!

Zizo (cheirando fundo):

Eu sinto o cheiro! (respira fundo) Você sente?

Eneida:

Não. Eu menstruo. Já é o suficiente.

Zizo muda de posição e aproxima sua boca da orelha de Eneida. Fala quase que a tocando. Enquanto ele fala, ela encolhe o ombro como estivesse arrepiada.

Zizo (sussurrando):

Por quê?

Eneida (quase sorrindo e afastando a orelha da boca de Zizo):

Por que eu menstruo ou por que não sinto o cheiro?

Zizo (ainda próximo da orelha de Eneida):

Por que você não quer dar para mim? Hum!

Eneida (sorrindo e mudando de conversa):

Você conheceu minha mãe. (silêncio e falso espanto de Zizo). Helena.

Zizo (mudando de expressão e depois caindo numa gargalhada):

Helena? (Eneida, sorrindo, balança afirmativamente a cabeça) É por isso que eu gosto tanto de você. É por isso que eu sinto o cheiro.

Ele para e fica olhando fixamente para Eneida, que ri, olhando fixamente para o rio.

Seq 36 - Tempo 1

(Praia Deserta – ext – manhã - cor - som direto)

A espuma branca de uma onda lambe a areia da praia. Céu azul. Estamos numa praia deserta com coqueiral margeando a extensão dos olhos. Ali encontramos Zizo, Eneida, Boca Mole, Rosangela, Bira, Oncinha, Pazinho e Wanessa. Tomam banho de mar e divertem-se como crianças. Gritos e risadas. Falas soltas. Vestem shorts, bermudas, biquínis... Eneida e Rosangela estão sem a parte superior de suas roupas. O poeta é o único que se diferencia da turma. Continua com sua calça jeans enrolada até os joelhos. Está molhado e bastante sujo de areia.

Em determinado momento o encontramos sentado, um pouco afastado do grupo, conversando com Pazinho. Os dois se falam, mas encaram o horizonte – o mar. De início os vemos num plano frontal e depois ficamos na situação inversa e toda a pontuada conversa acontece como se fosse um ponto-de-vista dos dois.

Pazinho (respirando fundo):

Nada, Zizo? (pequena pausa) Nada de nada? (silêncio) Não entendo.

Zizo (de olhos fechados e sorrindo):

Tem o que entender, não. É assim. Acho que sou apaixonado pelo desprezo afetivo de Eneida. Por sua alegre mortalha de paixão. Eneida é grande. Eu sou menor.

A partir daqui começa o ponto-de-vista dos dois. O mar e o céu se equilibram.

Pazinho em off:

Oxe! Que história, poeta. (silêncio) Eu quando conheci Wanessa foi pau já no primeiro dia. Tenho tempo para essas coisas de namorar, noivar, casar... Pra mim é logo no arrocho, por que se não dá segue cada um sua procissão, sabe? Eu que não vou ajoelhar para santo que não faz milagre.

Zizo em off:

É que tu és prático. Sou um romântico anacrônico; um aleijado do coração. Agora, a única coisa que sei, é que não sei se o placar é justo, mas partida é ótima.

Voltamos ao plano dos dois na areia da praia. Zizo se levanta e afasta-se em direção ao grupo.

Seq 37 - Tempo 2

(Praia Deserta – ext – fim de tarde - cor - som direto)

Zizo e Eneida estão parados na beira do mar. Ela envolta numa canga e os braços cruzados como sentisse frio, cabelos molhados e sorriso no rosto. Ele continua com seu jeans enrolado nas pernas e sem camisa. Encara Eneida. Dentro da água os outros brincam. Wanessa e Pazinho estão agarrados. Enquanto Eneida fala o poeta nada diz. Fica olhando para ela, quase que encantado.

Eneida:

Meu pai sentia ciúmes de minha mãe, agora sente ciúmes de mim. (pequena pausa) Acho que ele sente ciúmes de você, na verdade. (os dois ficam sorrindo) Você não está com frio? (Zizo faz um movimento negativo com a cabeça) Seus lábios estão roxos. (Eneida baixa os olhos) Você me deixa tímida quando não fala. Bem, você também me deixa tímida quando fala, mas assim é pior.

Os dois ficam se encarando. Eneida tira a vista dele e se volta para o mar, mas o poeta continua a encará-la ternamente. Dentro da água a brincadeira prossegue.

Seq 38 - Paisagem Lateral

(Sob uma ponte – ext – manhã - cor - som direto)

Manhã de chuva. Estamos sob uma ponte e a partir de uma imagem lateral podemos observar o tempo escuro e os prédios. Nas águas do rio gotas salpicam. O rio corre e vai levando sobre ele vestígios de sujeiras e restos. Em determinado momento um barco a remo atravessa a cena, cruzando a ponte. É um remador solitário. Suas remadas são seguras e largas. Ele cruza o quadro e a câmera continua assistindo ao rio passar e as gotas de chuva salpicarem as águas.

Seq 39 - Entre Elas

(Casa de Wanessa – int – manhã - cor - som direto)

Wanessa e Eneida estão na sala da casa da primeira. Eneida tem os cabelos e roupas molhados. Uma toalha sobre o ombro. Wanessa recorta pedaços de papel em forma de flor numa mesa que fica num dos cantos de sua sala. Lá fora o barulho de chuva.

Eneida:

Esprei Zizo até agora, e nada. Nem ele nem dona Marieta estão em casa. (pausa e Wanessa compenetrada em seus recortes) Só essa chuva que não para.

Wanessa (sem tirar a atenção de seus recortes):

Chovendo mais a água começa a entrar em casa. Tu faz um favor, minha flor? Coloca uma estopa que tá na cozinha no pé da porta para evitar que a chuva entre aqui.

Corte rápido e Eneida está colocando um estopa velha sob a porta de entrada. Wanessa observa, com muito afincos, seus recortes. Pega outros papeis para recortar. Wanessa voltando para mesa.

Eneida (sentando):

Há quanto tempo estás com Pazinho?

Wanessa (sem parar seu serviço):

As vezes parece que faz muito tempo, e de vez em quando parece que foi ontem. Mas tem cinco anos já. Foi amor a primeira vista, sabe? Da parte dele. Eu sou dura e naquela época eu ainda tinha cliente ainda. (sorrindo) Você sabe... Mas o negocio foi ficando sério e foi ficando, aí ele disse pra eu vim morar mais ele. Vim.

Eneida:

Deve ser bom ter alguém só pra você, né?

Wanessa:

É e não é. Ele é um ciúme da porra. . E eu não sou do ciúme. Não gosto é de ser tratada como otária. Mas ciúme? Não. Mas reclamou eu devolvo na mesma moeda.

Novo corte e Eneida ajuda Wanessa a colar seus recortes numa caixa cuidadosamente coberta com um papel colorido e brilhante. A chuva não faz mais barulho e Eneida está mais seca e os cabelos assanhados.

Wanessa (admirando seu esmero):

Será que ele vai gostar?

Eneida:

Tá massa, Wanessa. Vai botar os presentes aí dentro? (Wanessa faz sinal afirmativo com a cabeça) Eu vou lá em Zizo e volto mais tarde para o parabéns, viu?

Eneida se levanta e passa a mão no cabelo e pega sua mochila que está no chão.

Wanessa:

Ta chovendo ainda.

Eneida:

Já to toda molhada mesmo. (Eneida se dirige à porta, abrindo-a) Depois eu venho, mas chego cedo, viu? (Wanessa continua a alisar sua caixa e balança afirmativamente a cabeça) Porra! A rua ta uma lama só.(se preparando para sair) Beijo, Wanessa. Até mais tarde.

Eneida sai e bate a porta. Wanessa dá um tchau para ninguém. Continua a encarar sua obra. Depois de um tempo começa a falar só.

Wanessa:

Essa Eneida fica cutucando o poeta e correndo. Não sei que frescura é essa. Já tinha dado linda de morrer. Ah! Mas... O que interessa é o presente. O que importa é o presente.

Volta a encarar sua vistosa caixa.

Seq 40 - Desmedidas

(Quintal da casa de Zizo/Edícula – ext/int – noite - cor - som direto)

A câmera enquadra num plano conjunto uma velha máquina de copiar que está na edícula de Zizo. Não o vemos. Apenas Eneida, que vai se mostrando por partes. Ela está copiando partes íntimas de seu corpo. Primeiro o peito sobre o vidro, depois a vagina, a bunda, o rosto, as mãos, os pés... A luz verde que sai da máquina é quem marca essa passagem, como flashes. Ouvimos uma conversa entre ela e o poeta.

Eneida:

Eu tenho achado Estelamaris tão tristonha. (silêncio) Hum! Bem, não tenho com isso.

Zizo em off:

Claro que tem, minha guerra. Não existe mais culpada que você. É que você não percebe o tamanho dos estragos que você faz.

Eneida (sorrindo):

É cada uma, Zizo! O problema é seu, não meu.

Zizo em off:

É seu também. Você que me joga nesse limbo de prazer, nesse Saara de desejos, nessa punheta sem mão. (Eneida começa a rir) Tá vendo? Sorrindo, a fascínora. Agora fica aí, mexendo comigo e com minhas coisas. Por dentro sou um vulcão para explodir. Deverias ter mais respeito por mim, eu poderia ser teu pai.

Eneida (sorrindo):

Meu pai acha a mesma coisa.

Os dois ficam em silêncio. Eneida está fazendo a última cópia de uma parte de seu corpo. De repente Zizo começa a gargalhar, como se a piada de Eneida tivesse se completado em sua cabeça. Ela sorri. Mais um flash nos leva à próxima seqüência.

Seq 41 - Nesta Data, Querida (Casa de Wanessa – int – noite - cor - som direto)

Estamos na sala da casa de Wanessa. Tudo escuro. Um fósforo acende e vai até o pavio de uma vela, que começa sua humilde pirotecnia. Uma onda de vozes começa um parabéns para você. Plano abre e ali encontramos Wanessa (muito bem vestida), Zizo, Eneida, Rosangela, Boca Mole, Oncinha, Bira, Dona Marieta, Estelamaris, Anja... e mais pessoas próximas ao grupo. Estão em volta da mesa onde um bolo confeitado serve de referência. O plano conjunto revela um Pazinho emocionado ao lado de sua Wanessa. Quando termina o tradicional parabéns, Boca Mole puxa um “é pica, é pica. É rola, é rola, é rola...”). Wanessa beija apaixonadamente Pazinho e entrega-lhe a caixa colorida que ela decorava anteriormente. Ele abre e todos ficam na expectativa. Sorriem muito. Pazinho é muito cuidadoso. Dentro da caixa algumas recordações: uma imagem de iemanjá pequena sobre um fundo de flores vermelhas, uma cueca etc. Coisas pequenas e representativas. Os dois se beijam e o público delira. Toda a seqüência é acompanhada por sons específicos, trazendo detalhes de planos de som. Ouvimos na voz do poeta um de seus textos.

Zizo em off:

*Com medo do tempo que passa
Passa por mim o tempo do medo.
Fria presença e afiada lembrança,
Afoga e desativa os detalhes de tua ausência.
Mesmo presente no teu desejo,
Fio e desfio o tempo que passa.*

Seqüência termina com um close de Eneida comendo um pedaço do bolo de aniversário.

Seq 42 – Fogueiras e Passagens

(Casas em estrada de ferro – ext – fim de tarde - cor - som direto)

A câmera está colocada diante de uma passagem dos trilhos do trem. Ao fundo algumas casas estão dispostas. Diante delas pequenas fogueiras estão colocadas. Não há movimentação. Começamos a ouvir um forró, que vai crescendo aos poucos. De repente um trem corta o quadro. O som de sua passagem se mistura a música. Corte para a próxima seqüência.

Seq 43 - Queimando

(Arraial à beira rio – ext – noite - cor - som direto)

Num pequeno arraial montado na beira do rio a noite caiu. A fogueira montada ali está sendo consumida. A maioria da madeira é apenas brasa. Em volta dela as pessoas que fazem parte da comunidade se divertem ao som de um forró muito tradicional. Podemos ver nessa seqüência Boca Mole e Rosangela, que dançam um forró em volta da fogueira. Oncinha e Bira dançam juntos. Dona Marieta aplaude a cena ao lado de Wanessa. Todos vestem roupas juninas. Pazzino, vestido como volante de cangaço, solta uns rojões que explodem no ar - três grandes estalos. Eneida e Zizo estão juntos num banco de madeira próximo dos restos da fogueira. Ambos estão com roupas matutas do São João. Ele com um tosco bigode desenhado com um lápis delineador e chapéu de palha. Ela com vestido de retalhos, pintura com sardas no rosto, chapéu de palha com duas tranças.

Zizo:

Você conhece um poema de Manuel Bandeira sobre uma noite de São João?

Eneida (balançando negativamente a cabeça):

Sei não. Qual é?

Zizo (sorrindo):

Quanto você paga para eu te dizer? Quanto você acha que vale um poema?

Eneida:

Acho que não vale nada. Não deve valer nada.

Zizo (falso espanto):

Você acha? Hum? Acha mesmo? (ela faz sinal afirmativo com a cabeça) Pois vale. Não posso nem te dizer. Não tenho como pagar o poema que te ofereço. (em silêncio) Você me deixa em estado de combustão constante. Sou um bujão, Eneida. Um bujão prestes a explodir. Um corpo em brasa. Fogo na roupa (Eneida fica sorrindo). Posso te levar no meio do mundo. É bem perto e bem longe. Eu queria te ver como você fica vista de longe. Eu sempre faço isso. Vou até a porta de tua escola e fico vendo você saindo com seus amigos... rodeada deles e caminhar até algum lugar, que muda constantemente de direção. Tão errada você, Eneida.

Eneida (fingindo espanto):

Você me vigia? (ele faz sinal positivo com a cabeça) Eu não gosto da idéia de ser vista sem ver. Isso me dá medo.

Zizo (sério):

Vejo com os olhos. Vejo bem direitinho e não faço mal nenhum. Nem pouco e nem muito. E muito menos mais ou menos. (silêncio) Quer passear no meio do mundo?

Neste momento corte rápido para a próxima seqüência.

Seq 44 - Rio da Saudade*

(Rio Capibaribe – ext – noite - cor - som direto)

Dentro de um pequeno barco muito rústico estão Eneida e Zizo. Estão um pouco embriagados e fumam um baseado calmamente. O barco está parado no meio do Rio Capibaribe. A cidade, em luzes noturnas, aparece ao longe. Mas é uma área suburbana, ribeirinha. Os dois estão se olhando muito fixamente. Fogos de artifício, humildes, espoucam nas margens do rio. Fogueiras iluminam alguns pontos distantes.

Zizo:

Não sei por que você insiste em não ficar comigo.

Eneida:

Eu não insisto. Eu não quero. Não me interessa. O que gosto de você é o que não cabe em mim.

Zizo:

E por que você me provoca tanto? (pequena pausa) Por que aceita meus convites? Por que está aqui comigo, no meio do nada? Por que você deixa meu pau duro e depois joga o coitado na lata de lixo sem dó nem pena?

Eneida (sorrindo e tragando o baseado):

Por que tanto por que?

Zizo (sorrindo):

Deve ser maldade. (silêncio) Você é uma coisa que se equilibra entre a culta e a puta. E não tô tentando ser agressivo.

Eneida:

Ser chamada de puta não me ofende.

Os dois ficam alguns momentos em silêncio.

Zizo:

Tem coisas que são poucas para você. Você é uma mulher de muitos e excessos. Você é mulher para cachoeiras e não para bicas. Eu não sou pouco. Sou exagerado.

Eneida:

Eu sei disso. Quem não sabe é você. (pausa) E por que aqui no meio do rio? No meio do mundo?

Zizo:

É uma chance de fazer com você o que eu bem entender e ninguém pode te salvar. No meio das coisas você é só minha.

Eneida (indiferente):

Você conhece alguém que tenha medo de você?

Zizo:

Conheço mas não acredito. Não acredito em quem tem medo de mim.

Eneida (jogando o resto do baseado no rio):

Vamos voltar?

Zizo remando no rio. Nas margens as fogueiras continuam queimando. Barulho de música vem de longe.

Eneida:

Meu pai acha que eu estou namorando você escondida.

Zizo:

Você está namorando comigo escondida até de mim. Outro dia uma rapariga lá do bairro chegou e disse assim: “olha, a Eneida tá namorando com você e está escondendo isso de você. Acho que você deveria saber disso. É ruim ser o corno de si mesmo”. (Eneida começa a sorrir) Foi uma mulher lá que disse. A sorte é que eu não ligo para chifres.

Zizo para de remar e fica olhando para Eneida. Barulho de fogos distante e a música junina ecoa pelo rio.

Eneida (encarando Zizo):

Tô morrendo de vontade de mijar. Não posso ver água que me aperto toda.

Zizo (olhando fixo):

Posso ver? (os dois ficam se encarando) Posso ver você mijando? Não vou fazer nada. Você sabe disso.

Eneida, olhando para Zizo, tenta se equilibrar de pé dentro do barco, que balança bêbado. Ela fica de lado, levanta a saia matuta, prendendo-a sob o queixo e baixa a calcinha. Zizo olha extasiado a cena. Eneida começa a mijar, lançando seu jato quente no rio. Todos os outros sons desaparecem e a única coisa que conseguimos ouvir é o som do mijo de Eneida caindo na água. Ela vestida em sua fantasia junina, desequilibrada no barco. A ponta dos dedos de Zizo tocam o jato. Imagem vai muito lentamente a fade. Alguns segundos no escuro.

*Lembrar a possibilidade de fazer a parte final da seqüência com o barco já ancorado perto do arraial.

Seq 45 - Libertação

(Quintal da casa de Zizo – ext – tarde - cor - som direto)

Plano Conjunto do quintal de Zizo. Tudo muito calmo e vazio. Um movimento muito lento vai fechando no tanque, que está vazio. O silêncio é profundo, mas assim que o movimento de câmera começa um som muito distante começa a aparecer. São as vozes de Pazinho e Zizo. A conversa está iniciada e a percebemos a partir de determinado momento.

Zizo em off:

...tomou um chá de sumiço.

Pazinho em off:

Saudade?

Zizo em off (riso):

Sei lá, Pazinho. Mas como posso ter falta de uma coisa que não se realizou? Estava a ponto de desistir das coisas que imaginei. Sabe minha diletancia?

Pazinho em off (irritado):

Sei lá que porra é... Como é a palavra? Sei lá, Zizo.

Zizo em off (gargalhando):

Pazinho, você é bom por que me deixa na real. Eu penso que estou arrasando e vem você e pronto... acabou minha festinha.

Pazinho em off:

Sei! (silêncio) Qual foi a última vez que você viu Eneida?

Corte abrupto na imagem.

Seq 46 - Exibição

(Galpão abandonado – int – tarde - cor - som direto)

Na sala da casa de Boca Mole estão sentadas Eneida e Rosângela. A primeira carrega um exemplar do “**Febre do Rato**”. A última está pintando as unhas de esmalte, apreciando a cor de suas unhas enquanto conversa.

Eneida (sorrindo):

Essa cor é ótima.

Rosângela (sem tirar a atenção das unhas):

Hum, hum! (fazendo movimento afirmativo com a cabeça e depois mudando de assunto) E teu pai?

Eneida (relaxada):

Papai ainda tá puto ainda. Nem fala direito.

Rosângela (atenção nas unhas):

Mas teu pai é foda, né Eneida? Era hippie e fica assim. Por isso que eu não acredito em hippie.

Eneida (bocejando):

Meu pai ficou muito careta. Mainha é mais velha mas é mais legal.

Rosângela (atenção na unha):

Mainha é muito é doida. Implica com Boca Mole por tudo. Mas num tô nem aí. (pequena pausa) Implica com meus amigos. O único amigo meu que ela gosta é Wanessa. Porque corta o cabelo dela de graça.

Boca Mole entra em quadro com um prato de ovos mexidos e alguns pães. Senta diante das meninas e coloca o prato no meio. Rosângela para o que está fazendo e beija Boca Mole profundamente, que aproveita para alisar a perna de Eneida.

Rosângela (se afastando de Boca Mole sensualmente):

Eneida tá reclamando do pai dela.

Boca Mole:

Oh, meu Deus! Esse teu pai é carne de pescoço.

Sorrindo para Eneida, Boca Mole se aproxima dela e começa um beijo profundo e demorado enquanto Rosângela saboreia os ovos fritos.

Rosângela (sorrindo e olhando os dois):

Peraí. (o casal de amigos se separa sorrindo) E pra mim não vai nada? (Boca Mole dá um beijo furtivo em Rosângela, que faz carinho no namorado com a ponta do nariz e fala para Eneida) Faz tempo que você não vê o poeta?

Eneida:

Desde o São João.

Rosângela (espantada):

Caralho! Já faz um tempinho.

Eneida (alisando o cabelo de Rosângela):

Mais ou menos.

Rosângela (dando um beijo na boca de Eneida):

Mas Eneida, ainda não sei por que tu nunca fica com o poeta ?

Eneida (sarcástica):

Tu já ficou ? (Rosângela faz um gesto negativo com a cabeça) É a suja falando da mal lavada.

Rosângela:

Ele não me quer. (provocativa) Ele num gosta só de velha? Então?

Eneida (sorrindo):

E eu sou velhinha, é?

Rosângela (apertando as bochechas e beijando a boca de Eneida):

Veinha, meu Deus! (sorrindo) Mas tu é meio veia mesmo.

Boca Mole (em sua brincadeira com o cigarro):

Quem me dera ter uma vizinha dessas.

Rosângela e Eneida se voltam para Boca Mole.

Rosângela (sorrindo):

Vai, Boca. A conversa ainda não chegou no banheiro.

Boca Mole (cantando):

Eu tenho duas canarinhas. Uma é belinha e a outra, bem, é velhinha.

Eneida parte para cima de Boca Mole, apertando seu pescoço. Representam uma briga. Boca Mole abre os braços imobilizado.

Boca Mole (falso rendido):

Eu me rendo. Eu me rendo.

Rosangela, sentada na cama, sorri bastante. E neste instante começamos a ouvir uma música.

Rosangela (sorrindo):

Olha o celular!

Boca Mole (agarrando Eneida pela cintura):

Atende aí, porra!

Enquanto Eneida e Boca Mole rolam pela cama, Rosangela procura o celular como se fosse um cachorro.

Rosangela:

Celular! Celular!

Ela encontra o celular e quando o atende vamos para outra seqüência.

Seq 47 - Independência

(Bar na praça Maciel Pinheiro – ext – noite - cor - som direto)

Zizo e Pazinho estão num pequeno boteco num largo do centro da cidade do Recife. Um desses lugares que se encontram num trailer e vendem cerveja durante a noite. Não está muito cheio, mas uma fauna notívaga ali se encontra: boêmios, putas, michês... Falam a continuar uma conversa.

Zizo (um pouco embriagado):

E assim a vida segue, né? Não me quer? Que vou fazer. Querendo eu ficaria feliz. Não querendo, fico insatisfeito e livre. Nem sempre as coisas que seriam exatas não se confirmam. Volto para a minha prainha e para minha seara.

Pazinho (distante depois de uma pequena pausa):

E amanhã?

Zizo:

Vou indo pra casa que tá ficando tarde e amanhã a coisa é cedo.

Pazinho (sorrindo e mudando de assunto):

Eu acho que vou dar uma passada lá no Bar da Galega.

Zizo:

Vai atrás de encosto?

Pazinho (sorrindo):

Eu é que sou o encosto.

Os dois ficam rindo.

Seq 48 - Passagem 01

(Sala da Casa de Wanessa – int – noite - cor - som direto)

Wanessa está sentada na sala de sua casa fumando um cigarro e vendo televisão. A luz que ilumina seu rosto vem dos reflexos do aparelho de TV. Parece esperar por alguém, mas não mostra irritação. Segura na mão direita um celular que tem um pequeno bichinho de pelúcia pendurado. Olha as horas nele e volta a assistir TV.*

***Começamos a ouvir uma música e essa música vai trilhando toda a passagem das seqüências denominadas Passagem. O som direto das ações de cada seqüência vaza na música, que deve ser descritiva do filme (composição fica a cargo e deve se chamar Febre).**

Seq 49 - Passagem 02

(Galpão abandonado – int – noite - cor - som direto)

Rosangela, Boca Mole, Oncinha e Bira fumam maconha em casa. Conversam e riem muito. Ouvimos apenas partes de uma conversa sem cabeça. Papo de maluco. A música continua.

Seq 50 - Passagem 03

(Cabaré – int – noite - cor - som direto)

Dentro de um cabaré encontramos Pazinho. Ele está visivelmente embriagado e dança com uma mulher de vestes extravagantes e mínimas. Outras poucas pessoas se encontram ali. A música que toca lá se confunde um pouco com a música que cobre as passagens.

Seq 51 - Passagem 04

(Janela do quarto de Eneida – int/ext – noite - cor - som direto)

Eneida se encontra em uma janela com grades, que mais parece uma prisão. A medida que a câmera se afasta o suficiente é que percebemos que ela se encontra em seu quarto. Um plano geral revela o prédio numa área periférica. Apenas a janela dela está acesa, além de um ônibus que está estacionado diante daquele prédio. A música continua.

Seq 52 - Passagem 05

(Quintal da casa de Zizo – ext – noite - cor - som direto)

Dentro de seu tanque Zizo está acompanhado de Anja. A câmera os pega de cima, num plano conjunto. A água derrama no sobe e desce do casal. Movimentos rápidos e pesados. A câmera, lentamente vai fechando no casal. Movimento quase imperceptível. Anja suspira e geme profundamente. O som ambiente está presente sob a música. E Zizo recita um poema que não entendemos direito.

Seq 53 - Passagem 06

(Planos da cidade do Recife – ext – amanhecer - cor - som direto)

Uma panorâmica vai descrevendo a cidade do Recife durante a madrugada. Um plano onde a movimentação da cidade não é percebida. Deste planos vamos para vários outros na madrugada, que vão revelando uma cidade quase fantasma. Plano geral da cidade do Recife. O dia amanhece e o sol alaranja o céu. Estamos vendo a cidade a partir do dique do porto. Apesar de avistar a cidade, o que ouvimos é o som do mar quebrando nas pedras. A música chega ao fim e ouvimos o trecho de uma composição de Zizo sobre essa imagem e esse som.

Zizo em off:

Não há mal maior quando a vontade se impõe à força.

Nada mais triste que um amor sem amor;

Só e só o amor das coisas que não amam.

É tudo. Ou nada.

Mesmo que as coisas teimem,

Sem consenso,

Penetrar no mundo das idéias,

E lá fora o mundo grite por incompreensão.

Quinta Parte

Quebrando Ordens

Seq 54 - Despertador

(Cozinha e sala de Wanessa e Pazinho – int – dia - cor - som direto)

Wanessa senta em um banquinho na pequena cozinha de sua casa se maquiando diante de um espelho. Está arrumada e veste uma roupa azul turquesa (jogo de calça de tergal e camiseta top e sandália verde). Tem o cabelo preso num coque. Ao seu lado, sobre um aparador, há um nécessaire. O dia já está aceso. A mesa está usada. Pazinho aparece na sala apenas de cueca. Ela não dá a mínima para ele, que a observa.

Pazinho:

Wanessa, você viu a minha carteira? (Wanessa nada responde e continua a se maquiar diante do espelho) Eu deixei aqui na mesa...

Wanessa (sem parar a maquiagem):

Pazinho, uma coisa que você não vai saber nunca é onde está a porra dessa carteira. Chegasse aqui carregado...

Pazinho (disfarçando):

Pois é! Fiquei com os meninos arrumando umas coisas aqui, outra acolá... Mas eu sabia que tinha deixado a carteira aqui em cima.

Wanessa (sem se alterar):

Posso pedir favor, Pazinho? Posso? (pequena pausa) Num fale não que tu tá é me arretando. Porra de carteira! Fico esperando feito idiota, e o coisa linda bebendo com os amigos e as raparigas pela rua.

Pazinho (tentando disfarçar irritação, mas constrangido):

Rapariga o que, Wanessa? Hein? Rapariga o que? Tava com Zizo...

Wanessa (se voltando para Pazinho e ainda indiferente):

Olha cá, Pazinho. Tenho cara de palhaça? (volta para o espelho) Quando sou eu que apronto, o carnaval começa. Aí eu sou puta, rameira, escrota... E tu com os amigos. Sei muito bem o tamanho dos amigos. (depois de uma pequena pausa e mudando de entonação) Tu sabia que quando a gente fode fica o cheiro? Ou o do sabonete ou da porra.

Pazinho (sentando numa cadeira e escorando o rosto com a mão):

Flozinha, vâmo parar com isso. Por que a gente vai ficar brigando? Foi só uma cervejinha, uma cachacinha...

Pazinho começa a alisar o ombro de Wanessa, que agora está soltando o cabelo.

Wanessa (dando de ombros):

Pazinho, deixa de cena, visse! Oxe! Meu filho, quando eu botar pra quebrar tu vai ver o que é chifre. Vai ter que arrumar ajuda pra carregar a rama que vai brotar na tua testa.

Pazinho tenta, mais uma vez, fazer um carinho nos ombros de Wanessa.

Wanessa (com falsa calma):

Para com essa caralhagem, Pazinho.

Pazinho fica amuado e de cabeça baixa. Wanessa continua a arrumar o cabelo.

Wanessa (apressada):

Vamo embora que daqui a pouco Zizo sai. (pequena pausa olhando para Pazinho) Vai ficar de cueca aí, é bimba de pano? Corre, leseira.

Pazinho (cabisbaixo):

Cadê a carteira?

Wanessa (tirando a carteira do bolso):

Uma morena bucho veio trazer pra você, que esqueceu na Galega.

Wanessa tem certo desprezo em sua atitude. Pazinho, constrangido, se dirige, junto com sua pobre cueca, ao banheiro. Olhando-se no espelho Wanessa balança sua cabeça negativamente.

Seq 55 - Bandeirantes

(Frente da casa de Zizo – ext – dia - cor - som direto)

O carro de Zizo está estacionado diante de sua casa. Uma música marcial tocada por uma banda vai trilhando essa passagem, onde vamos acompanhando detalhes de pessoas a decorar esse veículo. São vários símbolos nacionais, e todos invertidos. Nas colagens das bandeiras não lê-se “ordem e Progresso”, mas “Perto ao Regresso”. A música é o Hino Nacional. A banda é amadora, o que dá a versão desritmada do hino. Na verdade não conseguimos vislumbrar quem faz a decoração do carro, nem exatamente onde estamos. Apenas na próxima seqüência isso será revelado.

Seq 56 - Preparando o Grande Momento - I

(Frente da casa de Zizo – ext – dia - cor - som direto)

Diante da casa de Zizo estão reunidos alguns de seus amigos. Um clima de algazarra. Percebemos pessoas que estavam na festa da páscoa. Rosângela, Boca Mole, Bira e Oncinha estão ali. O último está com hematomas visíveis em seu rosto. Bira tem o braço enfaixado. Dona Marieta está conversando com Estelamaris. O automóvel de Zizo está enfeitado com várias bandeiras do Brasil colocadas de cabeça para baixo. Outros carros estão ali, além de motos e bicicletas. Estão formando uma espécie de passeata. Uma mesa está montada diante da casa.

Zizo arruma algumas coisas em seu carro. Agora podemos vislumbrar toda a decoração do automóvel, completamente enfeitado com motivos “patrióticos”. Pazinho, Rosângela, Wanessa, Oncinha e Bira conversam.

Rosângela (fazendo carinho na cabeça de Oncinha):

Tá doendo muito? (Oncinha nada responde) Tá sabendo já quem fez isso, Onça?

Oncinha (de cabeça baixa):

Foi uns caras lá do bagulho. Disseram que era um recado. Tô devendo uma grana, sabe? Disseram que se eu demorar a pagar vou fumar é chumbo.

Wanessa:

Só tem covardia mesmo no mundo...

Pazinho (sem olhar para os meninos):

E isso vai ficar assim?

Bira (cabisbaixo):

O poeta disse pro Boca Mole que era melhor não dar o troco porque ia ser guerra, e a gente é da paz.

Oncinha:

Da paz! Sei. Mas quem tá com o cu arrombado sou eu.

Pazinho (interferindo):

Mas se Zizo falou...

Wanessa (sem olhar para Pazinho e jogando panfletos):

Pára de falar merda, Pazinho.

Boca Mole se aproxima.

Boca Mole:

O poeta tava perguntando por Eneida.

Rosangela (sem dar atenção a fala de Boca Mole):

A gente vai no carro?

Boca Mole:

No carro vai pouca gente. É melhor a maioria ir no “carreto”. Pode ser?

Bira:

Pode.

Boca Mole(se voltando para Oncinha):

Quer ir mesmo? (Oncinha balança afirmativamente a cabeça e Pazinho emenda, reflexivo) A gente esquece que lá fora não tem lei, não é?

A conversa deles é interrompida por palmas de Zizo.

Zizo (gritando):

Atenção, atenção! (pausa e pessoas se aproximam dele, que fica em pé no capô do carro). É o seguinte: estamos indo para a cidade propor a reorganização dos vícios que fazem bem ao desenvolvimento do espírito humano. Hoje o Febre do Rato, no dia da independência do Brasil, vai propor outra estabilização. Um desacordo possível diante de uma proposta improvável para chegarmos a uma situação previsível.

Amigo Urso (aparentemente embriagado):

Falou bonito, poeta.

Zizo (sorrindo):

Vamos preparados para a invasão do templo conservador. Hoje faremos um convite as vidas boas que podem se agregar a nós. O espírito de amizade e cumplicidade fará as leis serem varridas para fora do tapete. (pequena pausa e olhar profundo de Zizo) Isso fará diferença? Acredito que não. Mas estamos aqui para mexer com o próximo o mais próximo possível. O todo, a grande massa, só responde pelo coro indecente dos grandes acontecimentos.

Anja puxa uns aplausos, que são seguidos pelo resto das pessoas.

Boca mole (sorrindo):

Zizo! Poeta... É o seguinte: o ano passado a gente acabou foi na cadeia.

As pessoas soltam gritinhos e assovios.

Zizo (levantando os braços e pedindo silêncio):

*Muita calma. (as pessoas vão parando) Esse ano a gente vai bater é no
hospício.*

Gargalhadas e aplausos. Dona Marieta está em frente ao filho a discursar, mas está quieta e sem atitude. Aplaude sem entusiasmo.

Seq 57 - Preparando o Grande Momento-II

(Frente da casa de Zizo – ext – tarde - cor - som direto)

As pessoas começam a preparar a saída. O carro de zizo, todo enfeitado, está a frente de um caminhão e algumas motos e bicicletas... Um cortejo pequeno e barulhento. Todos estão enfeitados. Pessoas circulam. Numa mesa encostada no muro da casa de Zizo podemos ver algumas garrafas e comida dispostas. Dona Marieta, numa sombra, conversa com Estelamaris, toda vestida de lycra Verde e amarela, além de um arranjo na cabeça.

Dona Marieta:

Esse ano vou não, Estela. Tô com uma moleza da gota. Um enjôo... Acho que foi as tanajuras que Anja trouxe ontem. (confidenciando) Ficou no tonel até tarde da noite. Chegou aqui tão cedo que acho que nem foi pra casa. Deve tá um engilho só.

Estelamaris (sorrindo):

Melhor assim, né? Vê como ele tá melhor.

Dona Marieta (desconfiada):

Eu tô achando Zizo tão estranho, num sabe? Misterioso.

Rosangela e Wanessa se aproximam de Dona Marieta e Estelamaris.

Wanessa:

Vamos lá, Dona Marieta?

Dona Marieta:

Vô esse ano não, minha filha. Tô enjoada que só.

Estelamaris (sorrindo):

Foi a tanajura que Anja trouxe ontem. (pequena pausa e falando com ironia) Anja veio com a gota. Parece que passou a noite aqui, com o poeta.

Rosangela (encarando Estelamaris):

E a gente com isso, Estelamaris?

Estelamaris (sorrindo):

Vocês? Não. Nada.

Wanessa (interferindo):

Vamos que o pessoal tá indo.

Rosangela é levada por Wanessa. Estelamaris, com os braços cruzados de forma provocativa fica encarando Rosangela.

Estelamaris (falando pra si mesma):

Aquela ali come bem todo dia e vem dizer que não sabe, que não tem nada com isso. Hum! (provocativa) Já comi pedra e sei o gosto que pedra tem.

Dona Marieta (sem entender):

O que, Estela?

Estelamaris (debochada):

Ai, ai, Dona Marieta. Né nada não.

Dona Marieta sai de quadro e a câmera vai fechando no rosto de Estelamaris. Começamos a ouvir o som de uma banda marcial tocando uma música. Corte.

Seq 58 - Meu Coração é Verde, Amarelo...

(Cidade do Recife – ext – dia - cor - som direto)

Imagens documentais da cidade do Recife durante o desfile do Sete de Setembro, dia da independência. Interessante pegar a mistura de populares, militares em desfile, fanfarras (lembrar que hoje o desfile passa diante do parque treze de maio), escolas... Este momento serve de passagem para a invasão de nosso grupo. Começamos a ouvir o início de um discurso de Zizo com voz mecanizada.

Zizo em off:

*Estamos tomando o mundo para pedir, além de teto e comida, anarquia e sexo.
Uma liberdade criada fora dos esteios do bom comportamento. Queremos o
direito de errar.*

Ouvimos um grupo de pessoas gritando, anarquicamente.

Coro gritando em off:

Direito de errar! Direito de errar! Direito de errar!

Ouvimos gritos e assobios. Como última imagem uma banda marcial se prepara para começar uma marcha.

Seq 59 - Carreata

(Ruas do Recife – ext – tarde - cor - som direto)

Rua da cidade do Recife. Tudo parece calmo, até entrar em quadro, comandado pelo carro de Zizo, uma pequena e ruidosa caravana. Palavras de ordem são ouvidas uma vez ou outra, como continuação da seqüência anterior. A caravana é flagrada em vários lugares da cidade. O interessante é que possamos perceber, neste momento, uma provocação por parte das pessoas que estão presentes, principalmente das que estão sobre o “carreto”, e que as imagens captadas sejam documentais do efeito dessa intervenção nas ruas. Ou seja: a caravana comandada pelo poeta deve promover uma grande confusão na cidade. Continuamos a ouvir a voz do poeta mecanizada.

Zizo em off:

Queremos estar sempre a esquerda. E uma esquerda que não seja senão obra de um reflexo do coração transbordando de alegria. Onde a felicidade não seja uma ditadura. Ou melhor: não seja a prisão dos conservadores.

A caravana sai de quadro e as pessoas olham espantadas a intervenção nas ruas da cidade.

Seq 60 - Dentro das fileiras

(Ruas da cidade do Recife – ext – manhã - cor - som direto)

Nossos personagens agora estão nas ruas da cidade, misturados ao público que assiste ao desfile, mais exatamente nas áreas ao desfile. Interessante é mais uma vez brincar com reação do público com aquela manifestação. O discurso de Zizo pode ser o mesmo e repetido em alguns lugares sugeridos pela direção e pela produção e montados cronologicamente.

Zizo (com força):

*Neste dia de independência vamos promover o grito dos destinados, dos predestinados e dos desatinados. Vamos liberar os demônios para encontrar os anjos. O “**Febre do Rato**”, o jornal poético menos lido da cidade, vai fazer história mais uma vez. É destruindo as leis e fazendo valer as vontades através da poesia que vamos colocar em cheque os pequenos poderes que se ocupam em anestesiá-lo mundo. Mais uma vez proponho um sonoro não para um sonoro sim ser ouvido ao fim.*

Sempre ao final de cada frase do poeta, o coro dos descontentes gritam e assoviam. Importante aqui ter a maior quantidade possível de material para a montagem, e lembrar que aqui eles caminham ao lado do “grito dos Excluídos”. Além disso não podemos esquecer que Pazinho e Wanessa estão distantes por conta da briga anterior.

Seq 62 - Chegança

(Pontes da cidade do Recife – ext –tarde - cor - som direto)

Imagem da cidade do Recife. Suas pontes estão em destaque. A passeata de nosso grupo atravessa um a das pontes. Lembrar que eles aproveitam a passeata dos “Excluídos...”, dando-lhe mais corpo. Logo depois vamos a chegada do grupo a Praça do Diário, um logradouro central do Recife. Ali o carro de Zizo e o carreto já estão a postos.

Seq 63 - Plaza de Toros

(Praça da Independência – ext – tarde - cor - som direto)

O carro de Zizo está estacionado no meio de uma praça central da cidade do Recife, junto com o carro. Ao lado dele uma pequena banqueta com o órgão eletrônico de Oncinha. Zizo está em pé sobre o capô do carro. Microfone em punho, olhar injetado. A sua volta várias pessoas estão reunidas, além daquelas que o acompanharam na ocupação do sete de setembro. O público é mais heterodoxo, e vai desde os típicos moradores do centro, como prostitutas e sem teto, até uma juventude “punk”, que está ali para prestigiar a manifestação. Claro que não é uma manifestação grande, mas bastante ruidosa. Num mesmo grupo estão Rosângela, Boca Mole, Bira, Oncinha, Wanessa, Pazinho e mais algumas pessoas da comunidade deles. Bira e Oncinha parecem mais animados. Wanessa continua seu desprezo por Pazinho, que bebe uma cerveja.

Oncinha (para Bira):

Vamo acender um “Beck”?

Sem olhar para Oncinha, Bira retira do bolso de sua camisa um grande baseado e passa ao amigo.

Wanessa (para Oncinha):

Deixa eu acender, Onça.

Enquanto Wanessa pega o baseado começamos a ouvir o início da fala de Zizo.

Zizo (batendo no velho microfone e depois falando muito próximo):

Independência e sorte!

As pessoas reagem, aplaudindo e gritando.

Popular:

Aí, poeta. Bota pra fuder.

Zizo (apontando para o jovem “punk”):

Esse aí, eu nunca vi na vida. Mas seja bem vindo pra nossa desconvenção... (o rapaz solta um gritinho) Mas vamos ao que interessa hoje, que é manter a desordem. Então, quem gosta de frescos é melhor procurar outro assento.
(aplausos)

Boca Mole (com o baseado na boca):

Vai, Zizo! Manda bala.

Gritinhos e aplausos.

Zizo (tentando se equilibrar):

*Agora vou ler o manifesto **Portas Abertas e o Acidente do Cotidiano**. É o seguinte... (baixando papel) não vou ler não que é muito longo. Onde eu tava com a cabeça pra escrever tanto. (gritos) Anja... Oh, Anja! (Anja se aproxima e ele muda de busca) Cadê Oncinha pra tocar a música. (pequena pausa) Toca a música pra eu falar a porra do manifesto, Onça. (mudando de assunto) O bicho tá todo quebrado.*

A platéia grita. Estelamaris gargalha. E oncinha, meio tímido, vai até o órgão.

Zizo fica olhando a sua volta. De repente o som do órgão inicia e Zizo começa seu discurso.

Zizo (se aprumando):

Pois muito bem... O negócio é o seguinte, chegou o momento de pedir mais e oferecer menos. (silêncio) Vou explicar. Existe a classe média, que é uma classe. Engraçada, invejosa, pudica, inverossímil, tutelar... bem, uma classe. Mas existe o espírito da e para a classe média. O espírito da bondade obsoleta e restrita. E ela vem da classe dominante. Por exemplo: que rico, nos dias atuais, não olham um montículo de lixo e lembra dos pobres? Lixo é basicamente reciclagem, na vida dos pobres. Agora... Uma mina de diamante. Quem lembra dos pobres quando descobrem uma mina de diamantes? “Vamos chamar o povinho para lapidar”! Uma porra que chamam. (gritos vindo da platéia) Abaixo a reciclagem e viva a lapidação.

Zizo começa a repetir a frase e que algumas pessoas ali presentes começam a repetir. Zizo, completamente louco, faz pequenas movimentações sobre o capô. Em determinado momento seu olhar cruza o de Eneida. Ele pára e a encara. Eneida, que já está ao lado de sua turma, se junta ao coro. Neste momento há um silêncio total.

Zizo (encarando Eneida):

Parece... (as pessoas continuam a gritar) Um momento. Um momento. (faz uma pausa) Um momento, porra! Parece que Deus acabou de provar sua existência. Fez aparecer aqui a musa da independência. (gritinhos) É que eu pensei muito nela e fiz um poema para ela. Um não. Eu fiz vários. Mas esse é o último. Querem ouvir? (mais gritos de apoio) Isso. Mas eu convido os presentes a se desnudarem de suas roupas para compreender melhor. Vamos tirando a roupa.

Zizo começa a tirar sua camisa. Algumas pessoas começam a o acompanhar. Desnudamento de uns, espanto da maioria. Rosangela fica sem a camisa, mas continua de calça, assim como Wanessa. Boca Mole (completamente louco) e Bira já estão de cueca. Oncinha para um pouco de tocar para tirar a calça. Anja fica de calcinha e sutiã. Estelamaris levanta a parte de cima de seu top e mostra os fartos seios. Um ou dois punks ficam

completamente nus, assim como Zizo. A câmera vai fechando em seu rosto muito lentamente. Ele tem uma expressão concentrada e profunda.

Zizo:

Essa vai para as coisas que não se realizam por excesso. Para as coisas que não são por não terem cabimento.

Começa a se fazer um silêncio profundo. Zizo não tira seu olhar de Eneida. Aproxima muito o velho microfone da boca e começa a recitar seu poema.

Zizo (profundo):

“Escrevi o meu nome no sacrário que se encontra perto da geladeira, e faz companhia aos pequenos frascos de remédio. Isto fica junto a uma estante e sobre sua estrutura há um espelho que reflete o rosto do homem que compactua com o cotidiano dos dias, e faz, manualmente, coisas diferentes, como declamar o abecedário de trás para frente e eleger certas cores raras como as preferidas...”

A partir desse momento vamos para um jogo de imagens enquanto ouvimos o poema de Zizo.

Seq 64 - Preparação do Ataque

(Rua do Recife – ext – tarde - cor - som direto)

Imagens de um subúrbio da cidade do Recife. Fim de tarde de um domingo. Percebemos isso pela quantidade de pessoas nas ruas. Um burburinho grande. Cenas documentais. Interessante que pudéssemos, a partir de uma determinada decupagem, construir o cotidiano que o poema fala.

Zizo em Off:

“...O homem comum - o mesmo do espelho - que está sentado à porta de um pequeno bar de subúrbio, gosta de um monte de coisas que a maioria das pessoas gostam, e nem assim consegue se sentir banal: futebol aos domingos, flores ordinárias, ônibus vazios, curvas acentuadas, cabelos pretos.”

Seq 65 - Primeiros Toques

(Praça da Independência – ext – fim de tarde - cor - som direto)

Dona Marieta está sentada em sua cadeira de balanço na sala de sua casa. A tarde chega ao fim. Apenas uma tênue luz amarelada invade a casa. A porta que dá para o quintal está aberta. Ali podemos ver alguns animais de estimação que fazem parte da vida de Zizo. A câmera avança em direção ao quintal. Ali há uma calma profunda: a impressora parada, o tonel vazio, os muros sem vizinhas... A câmera corrige para a casa e encontramos Dona Marieta de pé, a observar o universo a seu lado. A tarde vai chegando ao fim.

Zizo em Off:

“Fazia a política das diferenças, e não achava engraçado as meninas da rua de cima. Elas riam; e ele ria também. Mas não levou a sério seu pensamento e começou a listar coisas:

Passei o dia contando passos, arrumando coisas, enviando embaraços, desfazendo nós, falando só, assistindo tv, descobrindo ruas, circulando mapas, fazendo engenharias, folheando livros, afiando facas, limpando louças, martelando pregos...”

Seq 66 - Arredores da Existência

(Casa de Zizo – int/ext – fim de tarde - cor - som direto)

Eneida, Rosangela, Boca Mole, Bira, Pazinho (este apenas sem camisa) ouvem o Poeta e riem profundamente. Começa um movimento de dispersão e confusão, e só aí percebemos a aproximação de um grupo de policiais com cacetetes na mão. Vão para cima do carro onde o poeta, agora ladeado por Wanessa, festeja seu discurso. Continuamos a ouvir o poeta, que não está on. Os sons da confusão estão em BG.

Zizo em Off:

“... encarando ônibus, descascando paredes, eletrocutando moscas, fumando cigarros, arrumando idéias, ouvindo gatos, alisando cachorros, dividindo culpas, esboçando desenhos, tateando o corpo, atirando pedras, girando caleidoscópios, traçando retas, diminuindo dores, olhando esculturas, medindo distâncias, descascando bananas...”

Seq 67 - Força Motiz

(Praça da Independência – ext – fim de tarde - cor - som direto)

Quase noite. Ali na praça o ataque da polícia continua. Zizo, nu, está encurralado. Um dos soldados segura-o enquanto outro bate pesadamente em sua barriga. Ele está frágil na cena. Um terceiro soldado chega e chuta seu saco. Ele se contorce com mais força e cai no chão. Um grupo de jovens punks fogem da confusão seguidos pela polícia. Estão de cuecas e carregam suas roupas nas mãos.

Zizo em Off:

“...entornando remédios, remoendo ossos, descascando músculos, filtrando loucuras, viciando organismo, cedendo assentos, apreciando vértebras, fechando feridas, despistando polícias, acendendo luzes, enganando o estômago, pontuando danças, corrompendo a língua...”

Seq 68 - Nada Pacífico

(Praça da Independência – ext – noite - cor - som direto)

Sentados numa calçada estão Eneida, Rosangela, Boca Mole, Bira, Oncinha, Wanessa, Pazinho e mais duas ou três pessoas. Um soldado tem em suas mãos um pacote de maconha. Um dos soldados anda entre os detidos (todos sentados no chão com olhar baixo e de frente para uma parede), dando-lhes pancadas com a ponta do cassetete.

Zizo em Off:

“...cumprimentando vizinhos, analisando o sangue, adulando desejos, relevando visões, apagando sujeiras, catando piolhos, furando paredes, trapaceando bandidos, regendo conflitos, desfiando rosários, aturando pedintes, evitando pânico...”

Continuou a listar mas já não tinha o pensamento crível naquilo que fazia, e indicando raciocínio novo inventou o anarcosamba ao chegar a tarde. Batucou ritmicamente todas as profecias do mundo, e pôs-se a sorrir quando perguntaram por que o seu samba parecia uma ladainha desconexa.”

Rosangela e Eneida são levadas, semi-nuas para uma viatura por dois soldados.

Seq 69 - Conflito no Máximo

(Praça da Independência – ext – noite - cor - som direto)

Uma fileira de homens são direcionados para alguns camburões que estão parados ali próximo. Bira e Oncinha estão entre eles. Este último mais machucado está chorando enquanto segura seu braço com um das mãos. Soldados armados, com revólver nas mãos, organizam com excitação e com certo humor aquela fila. Por fim dois soldados cruzam o quadro arrastando Zizo pelos braços. Ele está bastante arranhado e quase desacordado.

Zizo em Off:

“E ele sorriu outra vez, com seus dentes de carneiro paranóico, mas já era tarde e pensou em voltar para perto do espelho próximo aos frascos de remédio e de lá tomaria um banho como gente comum a esperar o cair da noite sentado numa cadeira a não assistir uma televisão ligada. Mas era um homem comum as avessas e para isso também não ligava. Destratava seus sentimentos como forma de pedir a benção a deus e ao diabo, e assim driblar as culpas.”

Os soldados jogam Zizo dentro de um camburão junto com Wanessa, que está bastante assustada.

Seq 70 - Passado Próximo

(Praça da Independência – ext – noite - cor - som direto)

Voltamos para o discurso de Zizo. Ele está sobre o capô do carro. As pessoas ouvem atentamente seu discurso e algumas ainda tiram suas próprias roupas. Os jovens punks parecem os que mais aderem, fora as pessoas que fazem parte da comunidade. O clima é um misto de embriaguez e excitação, Eneida, Rosangela e Boca Mole se beijam em grupo, alegremente. Zizo está muito efusivo.

Zizo:

“E entrou em casa deixando sua arrogância descansar para beijar a juventude que dormia no sofá na já noite. Lembrou dos buracos e foi metendo a sua mão ânus adentro da que dormia. As experiências tácteis são as mais duradouras, falou ao ouvido. E sua mão entrou tanto e tão longe que segurou o coração do sono, que naquele momento lembrava um parque de diversões.

Tinha resolvido entrar inteiro no sonho, mas ela acordou e disse que a organização é uma maneira muito privilegiada de ser medíocre. E o homem comum concordou enquanto retirava seu braço ainda com o cheiro do sonho.”

Quando termina está encarando Eneida. Gritos e aplausos. Neste momento uma pequena multidão se afasta e uns soldados entram dando pancadas com cassetetes. Um golpe alcança Eneida, que cai retorcida de dor. A câmera fecha em seu corpo nu e caído no chão. Algumas pessoas cruzam o quadro, mas percebemos apenas seus sapatos. O som de confusão vai desaparecendo lentamente. Silêncio absoluto.

Seq 71 - Entulho

(Ponte Velha – ext – noite - cor - som direto)

Uma ponte (a ponte velha) na cidade do Recife. De um lado o centro da cidade, com sua iluminação marcante. Do outro, um amontoado de vegetação de mangue e algumas luzes de um bairro pobre e popular. Um camburão da polícia entra em quadro e se coloca no início dela. Descem quatro soldados. Um deles permanece na direção do veículo, que está ligado. Seguem até a parte de trás e abrem a porta. De lá retiram Zizo e Wanessa. O poeta está quase desfalecendo, com escoriações por todo o corpo. Wanessa está mais assustada. Tem apenas alguns hematomas no rosto. Os soldados parecem se divertir com a situação, apesar da tensão da ação deles.

Wanessa está sem a parte de cima de sua roupa.

Soldado 01 (para outro que segura Wanessa):

Segura a bicha direito, que eu quero ver esse filho da puta tomar no cu. (segurando-a pelo queixo) Tu num gosta, né, seu frango? Hein? Né disso que tu gosta? Tomar no cu?

Wanessa faz que vai gritar e o soldado 01 coloca um revólver na cabeça dela. Wanessa parece descontrolada, mas engole seu grito. Dois outros soldados encostam Zizo no alambrado da ponte.

Soldado 01 (com autoridade):

Olha aqui, seu merda. Tu não gosta de fazer e acontecer? Pois faça e aconteça direitinho, porque eu vou te jogar na porra desse rio, viu? (pequena pausa segurando no queixo de Zizo) Ei! Psiu! ((dando um tapa no rosto do poeta) Tá com sono? Pois vai acordar. Vou atirar vocês no rio, viu? E quero ver quem não toma vergonha nessa cara, seus filhos da puta.

O corpo de Zizo é empurrado da ponte no rio. Ele se deixa empurrar. Wanessa reage, mas dois soldados a seguram e a jogam de cima da ponte. Os soldados se debruçam na mureta da ponte e observam por um curto espaço de tempo. Entram na viatura e saem dali sorrindo. Resta a ponte com suas luzes noturnas e a iluminação de uma pobre comunidade ribeirinha ao fundo. O som do carro da polícia se afasta. Silêncio total.

Seq 72 - Submundo

(Imagens subaquáticas do rio Capibaribe - ext – dia)

Imagem subaquática do rio Capibaribe. Águas turvas e muita sujeira em seu fundo. Imagem quase imperceptível. O mundo em silêncio. Apenas o som do rio, quase sufocado. A câmera vai revelando pedaços daquele universo submerso. Começamos a ouvir um diálogo entre Eneida e Pazinho.

Eneida em Off:

*Nada ainda? (pequena pausa) Acho que não tem isso de desaparecer assim.
Não acha? (pequena pausa) não vai falar nada?*

Pazinho em off:

*Tem o que falar não, Eneida. Nunca vi isso de desaparecer pra sempre num rio.
Aparece. (pausa) Mas não dá para ver nada nesse rio.*

Eneida em Off (mudando de tom):

O que é aquilo?

Pazinho em Off:

Sei lá. Daqui não dá para ver. (pausa) Nem quero saber.

O silêncio volta a reinar e apenas as imagens do fundo do rio ficam turvando a compreensão.

Seq 73 - Sobremundo
(Cemitério – ext – dia – cor – som direto)

Estão sentados em um túmulo Pazinho e Eneida. Pazinho pouco entusiasmado e Eneida distante.

Eneida:
E Wanessa?

Pazinho:
Tá lá, cuidando de Dona Marieta. A gente tá brigado. (jogando pedrinhas, que pegou no chão) Mas já tá boa do susto. O tempo...

Os dois ficam em silêncio. Pazinho jogando pedras e Eneida olhando para o horizonte.

Eneida:
Você acha que ele ainda aparece, Pazinho?

Pazinho:
Só se for feito alma. Mas como não acredito em alma, acho difícil. Não apareceu até agora aparece mais nada.

Eneida (se levantando):
Eu vou lá em Dona Marieta. (tomando ar) Tenho que falar com Wanessa e saber umas coisas.

Pazinho (sem parar de jogar pedrinhas):
Eu chego lá depois do trabalho. (mudando o assunto) Faz um favor, Eneida? (ela faz sinal afirmativo com a cabeça) Diz que eu estou esperando ela o quanto que ela quiser. E se ela não quiser mais nada, eu vou esperar assim mesmo. Ela é o homem de minha vida. (Pazinho respira fundo e se apruma) Tenho que voltar lá pra dentro. Tem morrido muita gente.

Eneida (sorrindo):
É.

Pazinho se levanta e pega uma das alamedas do cemitério. Eneida pega seu caminho por uma das alamedas. Sai de quadro.

Seq 74 - QG I

(Casa de Zizo – ext/int - tarde – cor – som direto)

Plano conjunto da casa de Zizo. Nada está muito mudado: uma espécie de abandono, o carro no terraço, o portão de ferro amarrado por uma corrente e as portas de entrada da casa abertas. Algumas plantas, livres em seu desenvolvimento, parecem maiores. Começamos a ouvir uma conversa ainda sob esse quadro. Depois nos transportamos para o interior da casa. Lá dentro estão sentadas Dona Marieta, Wanessa e Eneida. Wanessa está fazendo as unhas de Dona Marieta.

Wanessa (fazendo as unhas de Dona Marieta):

Olha, Eneida. Eu nem sabia que o poeta não sabia nadar. Eu também nem sei, mas terminei me agarrando a uns pé de pau e fui me saindo. E tava escuro.

Eneida:

Pazinho acha que ele não aparece mais.

Dona Marieta:

Eu sinto muita falta de Zizo... Da alegria e das confusões dele. Mas acho que ele não aparece mais não.

Wanessa:

Tudo ficou mais triste sem ele. Pazinho é que disse que o poeta era bom porque falava o que queria para pessoa que não devia na hora que não era certa.

Dona Marieta (sorrindo):

Era um danado mesmo, aquele menino. (se voltando para Eneida) Sabe que um dia ele chegou aqui e ficou me olhando... E me olhou. E depois falou... Eu já estava desconfiada. Disse assim: Dona Marieta, me diga uma coisa, por que você me mimou tanto? (solta uma risada e olhando para Eneida) E disse que foi você que disse isso para ele. Ele era muito engraçado.

Eneida (espantada):

Mas o que tem de engraçado nisso?

Dona Marieta (sorrindo):

É que eu mimava mesmo. E eu vou lá criar filho pra ser bancário? Deus que livre. Prefiro um filho poeta.

Wanessa:

Se eu pudesse ter filho queria um filho poeta também.

Ficam em silêncio alguns segundos. Eneida parece a mais angustiada naquele silêncio. Ouvem barulho de palmas na porta da casa. Corte brusco.

Seq 75 - QG II

(Quintal/Edícula da casa de Zizo – ext/int – fim de tarde – cor – som direto)

Estão todos no quintal e na edícula de Zizo. A tarde chegou ao fim e as luzes amarelas iluminam os espaços. Dona Marieta está sentada enquanto Wanessa apara seu cabelo. Rosângela e Eneida estão nuas dentro do tonel. Dentro da edícula está Boca Mole, Bira e Oncinha. Vasculha as quinquilharias do poeta.

Wanessa (para Dona Marieta):

Viu o negócio da leptospirose, Dona Marieta? Deu na televisão que se tiver cheia o bicho vai pegar, viu?

Dona Marieta:

Tem coisa que não tem como evitar. É assim mesmo. E no fundo nem ofende tanto e mata pouco.

Neste instante Boca Mole dá um pulo e se afasta da edícula. Oncinha e Bira ficam rindo.

Boca mole (assustado):

Caralho! Tem rato que só a porra nesse quintal, Dona Marieta.

Dona Marieta continua sua conversa com Wanessa; Boca Mole volta a mexer no quarto, agora com um certo medo. Bira e Oncinha ficam tratando Boca Mole com certa piada, fazendo gestos afeminados. Eneida e Rosângela continuam no tonel. Estão ambas com a nuca encostada nas bordas olhando para o céu.

Eneida:

Se você fosse quem você não é, quem você gostaria de ser?

Rosângela (sorrindo):

Sei lá. (pequena pausa) sei não.

Eneida (depois de um silêncio):

Sinto falta de Zizo. Meu quase pai, meu quase homem. Meu quase.

Neste instante o silêncio é quebrado por um grito de Boca Mole:

Boca Mole:

Achei! Achei o filme. (ele sai pulando da edícula com os pequenos rolos na mão) Tá aqui, Dona Marieta. (se ajoelha ao lado dela) Posso mesmo ficar com ele?

Dona Marieta (olhando as unhas):

Claro que pode.

Bira e Oncinha ficam dançando e cantando em volta de Boca Mole, que segura as latinhas de filme:

Bira e Oncinha (dançam):

Há, há, hu, hu... O Maconha é nosso! Há, há, hu, hu... O maconha é nosso...

Wanessa (sem dar muita atenção a confusão):

Agora só falta Pazinho pegar a impressora pra ele.

Rosangela (sorrindo do tonel):

Ele vem?

Eneida:

Vem sim. Disse que vem.

Seq 76 - Esgotamento

(Esgoto despejando no rio – ext – fim de tarde – cor – som direto)

Continuamos a ouvir o diálogo da seqüência anterior. Mas a imagem que temos é a de uma tubulação sangrando esgoto no rio. Um rato aparece e fica algum tempo catando coisas ali ao lado. O som das conversas vai se misturando ao som da água.

Rosangela em off:

Ele disse que vai escrever poemas e distribuir como o poeta.

Wanessa em Off:

Só se for poesia de cachaça e rapariga.

Dona Marieta em off:

Rapariga e cachaça é poesia.

Eneida em Off:

Tinha esquecido, viu Wanessa? Ele disse que você é o homem da vida dele. E que tá sempre te esperando.

Risos.

Rosangela em off (falando alto):

*Boca... Oh, Boca. Larga esse filme e me diz quando é que a gente vai casar.
(risos)*

Wanessa em off (controlando o riso):

E se a cheia vier mesmo? A gente vai pra onde?

Todos começam a controlar o riso até o silêncio total. Uma música vai crescendo e se misturando ao som do esgoto derramando no rio. O rato sai de quadro e ficamos com o esgoto. Começamos a ouvir o som do órgão eletrônico de Oncinha.

Seq 77 - QG III

(Quintal da casa de Zizo – ext - noite – cor – som direto)

Agora estão todos ali no quintal. Eneida e Rosangela dentro do tanque. Dona Marieta numa cadeira de balanço no quintal. Wanessa e Pazinho estão sentados um ao lado do outro e se beijam apaixonadamente. Oncinha toca seu órgão elétrico. Boca Mole e Bira dançam ao som da música. Anja e Estelamaris estão sentadas num banco próximo ao tanque. Fora a música, ninguém fala muito. Sobre essa imagem sobem os créditos finais.